

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Carlos André Bassoto
Guilherme Augusto Pranke

**RELAÇÃO ENTRE O USO DE INFORMAÇÕES DE SOFTWARES DE
GESTÃO E O DESEMPENHO DAS EMPRESAS**

Santa Maria, RS
2023

Carlos André Bassoto
Guilherme Augusto Pranke

**RELAÇÃO ENTRE O USO DE INFORMAÇÕES DE SOFTWARES DE GESTÃO E O
DESEMPENHO DAS EMPRESAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Contábeis**.

Orientador: Prof. Dr. Jéferson de Souza Flores

Santa Maria, RS
2023

Carlos André Bassoto
Guilherme Augusto Pranke

**RELAÇÃO ENTRE O USO DE INFORMAÇÕES DE SOFTWARES DE GESTÃO E O
DESEMPENHO DAS EMPRESAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Contábeis**.

Aprovado em 26 de janeiro de 2023:

Jéferson de Souza Flores, Prof. Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Luiz Henrique Figueira Marquezan, Prof. Dr. (UFSM)

Vinícius Costa da Silva Zonatto, Prof. Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

DEDICATÓRIA

Dedicamos este estudo a todos os familiares e amigos que nos apoiaram durante todo esse processo e aos professores que contribuíram para tornar este momento possível.

Ainda, dedica-se a todos aqueles a quem esse estudo possa auxiliar de alguma forma futuramente, em especial aos acadêmicos da contabilidade.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradecemos aos nossos familiares que contribuíram para tornar esse sonho realidade, nos apoiando e incentivando durante toda essa trajetória. Em especial a quem nos deu a vida, Angelo e Clari (pais do Carlos) e Eldon e Eliana (pais do Guilherme), que são nossa base e se empenharam demasiadamente para que hoje pudéssemos concretizar nossa formação no ensino superior. Muito obrigado por tudo, saibam que essa conquista só foi possível graças a vocês.

Além disso, não poderíamos deixar de mencionar nossas companheiras, Larissa (namorada do Carlos) e Neiza (namorada do Guilherme), as quais sempre estiveram presentes ao nosso lado e nos deram força para vencer as adversidades do trajeto e seguir em frente. Gratidão por toda a ajuda e paciência despendidas nas situações que vivenciamos juntos.

Ainda, agradecemos ao nosso orientador, Prof. Jéferson, por toda a dedicação conosco, fornecendo toda estrutura necessária para que esse trabalho de conclusão fosse realizado da melhor maneira possível. Outrossim, demonstramos imensa gratidão à Universidade Federal de Santa Maria, a qual dispõe de estrutura para formar profissionais qualificados, bem como docentes capacitados que auxiliam nosso progresso. Vocês são extremamente responsáveis pela construção do nosso conhecimento, muito obrigado!

Por fim, agradecemos a Deus pela saúde, proteção e sabedoria ao longo de todos esses cinco anos. Somos extremamente gratos por todas as circunstâncias que fizeram com que chegássemos até aqui, pela nossa parceria e pela nossa evolução durante toda a graduação.

- A todos, o nosso muito obrigado!

Não podemos prever o futuro, mas podemos criá-lo.

(Peter Drucker)

RESUMO

RELAÇÃO ENTRE O USO DE INFORMAÇÕES DE SOFTWARES DE GESTÃO E O DESEMPENHO DAS EMPRESAS

AUTORES: Carlos André Bassoto e Guilherme Augusto Pranke
ORIENTADOR: Jéferson de Souza Flores

O presente estudo utiliza a hipótese de que o conhecimento e a utilização de relatórios gerenciais oriundos de softwares de gestão impactam significativamente na percepção de desempenho dos gestores sobre suas respectivas empresas. Diante disso, objetivou-se analisar a relação entre o uso de informações de softwares de gestão e o desempenho das empresas. A metodologia é classificada como quantitativa, descritiva e de levantamento, além de utilizar-se da modelagem de equações estruturais por mínimos quadrados parciais (PLS-SEM), para avaliar a hipótese. A amostra foi composta por 22 empresas, enquadradas como Microempresas (ME) ou Empresas de Pequeno Porte (EPP). Os dados foram obtidos mediante questionário e a análise dos dados adotada foi: estatística descritiva e a modelagem de equações estruturais. Os resultados apontaram que a utilização de relatórios gerenciais por parte dos gestores tem relação positiva com o desempenho percebido de suas respectivas empresas, sofrendo impacto direto do conhecimento, além de, também, frequência e usabilidade frente a esses relatórios. A principal contribuição da pesquisa é evidenciar que gestores que utilizam informações presentes em softwares de gestão, voltadas à tomada de decisão, tendem a observar uma melhora significativa no desempenho de suas empresas.

Palavras-chave: Softwares. Desempenho. Empresas.

ABSTRACT

RELATIONSHIP BETWEEN THE USE OF MANAGEMENT SOFTWARE INFORMATION AND THE PERFORMANCE OF COMPANIES

AUTHORS: Carlos André Bassoto e Guilherme Augusto Pranke

ADVISOR: Jéferson de Souza Flores

The present study uses the hypothesis that the knowledge and use of management reports from management software significantly impact the performance perception of managers about their respective companies. In view of this, the objective was to analyze the relationship between the use of information from management software and the performance of companies. The methodology is classified as quantitative, descriptive and survey, in addition to using structural equation modeling by partial least squares (PLS-SEM), to evaluate the hypothesis. The sample consisted of 22 companies classified as Micro Companies (ME) or Small Companies (EPP). Data were obtained through a questionnaire and data analysis adopted: descriptive statistics and structural equation modeling. The results showed that the use of management reports by managers has a positive relationship with the perceived performance of their respective companies, suffering a direct impact from knowledge, but also from the frequency and usability of these reports. The main contribution of the research is to show that managers who use information present in management software, aimed at decision making, tend to observe a significant improvement in the performance of their companies.

Keywords: Software. Performance. Companies.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Modelo de Mensuração	40
FIGURA 2 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (I).....	46
FIGURA 3 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (II)	47
FIGURA 4 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (III)	48
FIGURA 5 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (IV).....	48
FIGURA 6 - Modelo de caminhos: Utilização.....	51
FIGURA 7 - Modelo de caminhos: Desempenho	52
FIGURA 8 - Modelo de caminhos: Completo	53
FIGURA 9 - Modelo Estrutural.....	55

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Assertivas validadas	34
QUADRO 2 - Construtos, subconstrutos e variáveis do estudo.....	37

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Caracterização das empresas	43
TABELA 2 - Enquadramento das empresas	44
TABELA 3 - Dados dos respondentes	44
TABELA 4 - Tempo de uso do ERP	45
TABELA 5 - Validez Discriminante dos Fatores.....	49
TABELA 6 - Confiabilidade e Validez dos Fatores.....	50
TABELA 7 - Validez Discriminante	54
TABELA 8 - Confiabilidade e Validez	54
TABELA 9 - Avaliação do modelo estrutural.....	56

LISTA DE SIGLAS

ACPC	Análise de Componentes Principais Confirmatória
AVE	Variância Média Extraída
CPC	Comitê de Pronunciamentos Contábeis
CRM	<i>Customer Relationship Management</i>
DFC	Demonstrativo de Fluxo de Caixa
DRE	Demonstrativo de Resultado do Exercício
EPP	Empresa de Pequeno Porte
ERP	<i>Enterprise Resource Planning</i>
ME	Microempresa
MEI	Microempreendedor Individual
MG	Modelo Geral
PIB	Produto Interno Bruto
ROI	Retorno sobre Investimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SCM	<i>Supply Chain Management</i>
SI	Sistema de Informação
SGBD	Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados
TI	Tecnologia da Informação
TOC	<i>Theory of Constraints</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.2	OBJETIVOS	16
1.2.1	Objetivo Geral.....	16
1.2.2	Objetivos Específicos	16
1.3	JUSTIFICATIVA	17
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	MICRO E PEQUENAS EMPRESAS	19
2.1.1	Relevância das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira	20
2.1.2	Gestão Financeira nas Micro e Pequenas Empresas	21
2.2	INDICADORES DE DESEMPENHO	21
2.2.1	Fluxo de Caixa	22
2.2.1.1	Benefícios e Objetivos do Fluxo de Caixa	22
2.2.1.2	Usuário da Informação	23
2.2.2	Demonstrativo do Resultado do Exercício	24
2.2.2.1	Benefícios e Objetivo do Demonstrativo do Resultado do Exercício	24
2.2.2.2	Usuário da Informação	25
2.2.3	ABC dos Produtos Comprados e Vendidos.....	25
2.2.3.1	Markup.....	26
2.2.3.2	Mix.....	26
2.3	SISTEMAS ERP	27
2.3.1	O que é um Sistema ERP	27
2.3.2	Relatórios Gerados através de um ERP	28
2.3.3	Facilidade de Acesso, Aquisição e Custo de Sistemas ERPs.....	29
2.3.4	Passos para a Adoção de um ERP.....	30
2.3.5	Tecnologia, Integração e o Armazenamento de Informações.....	31
3	METODOLOGIA.....	32
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	32
3.2	POPULAÇÃO E AMOSTRA	33
3.3	CONSTRUTOS, SUBCONSTRUTOS E VARIÁVEIS DA PESQUISA	34
3.4	TRATAMENTO DOS DADOS	38

3.4.1	Coleta dos Dados.....	39
3.4.2	Análise dos Dados	39
3.5	LIMITAÇÕES DO MÉTODO	41
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	43
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	43
4.2	ANÁLISE DE COMPONENTES PRINCIPAIS CONFIRMATÓRIA - ACPC ..	45
4.2.1	Análise das Cargas Fatoriais e Significância das Variáveis.....	45
4.2.2	ACPC Geral	49
4.3	MODELO DE MENSURAÇÃO	51
4.3.1	Modelos de Caminhos (<i>Path Models</i>)	51
4.3.2	Validação do Modelos de Caminhos (<i>Path Models</i>).....	53
4.4	MODELO ESTRUTURAL	55
4.4.1	Avaliação dos Resultados do Modelo Estrutural.....	55
5	CONCLUSÃO.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	67

1 INTRODUÇÃO

Esta seção apresenta o estudo desenvolvido, iniciando com a contextualização e a problemática da pesquisa, os objetivos, geral e específicos, as justificativas, as possíveis contribuições do estudo, e, por fim, a estruturação do trabalho visando a resolução do problema apresentado.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

No atual cenário empresarial, as Micro e Pequenas Empresas representam um dos principais agentes da economia global. De acordo com a Lei Complementar nº 123/2006, no Brasil, define-se Microempresa como aquela que apresenta faturamento anual igual ou inferior a R\$ 360.000,00, e Empresa de Pequeno Porte, como a que possui faturamento anual maior que R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00.

Esse papel de protagonista se torna ainda mais evidente, representando praticamente a totalidade dos negócios do país, contribuindo de forma relevante na garantia de R\$ 280 bilhões por ano em renda gerada, ainda, assumindo o posto de maiores responsáveis pelo estímulo de novos empregos, o equivalente a 78% das vagas empregatícias geradas em 2021 (SEBRAE, 2022).

Apesar dessa representação significativa no cenário econômico brasileiro, as Micro e Pequenas Empresas, em sua grande parte, sofrem com o fechamento do negócio, fenômeno este ligado a diversos fatores. Dentre os motivos, destacam-se, a imposição das grandes empresas, as limitações do mercado onde atuam, as dificuldades de captação de recursos financeiros, a alta carga tributária e a falta de planejamento e de uma gestão financeira adequada (SEBRAE, 2014). Em consequência disso, surgem problemas ligados a não declaração de renda, compra e venda de produtos sem nota fiscal, e, até mesmo, falta de declaração de bens adquiridos (BELO, 2019).

Diante dos fatos apresentados, torna-se cada vez mais necessário, frente a concorrência, o uso de novas tecnologias que possibilitem usufruir de um diferencial quanto a escalabilidade, a segurança na informação, a flexibilidade de acesso remoto, a redução de custos, a diminuição do tempo de resposta em transações e a parametrização das informações, principalmente no cunho gerencial. Dentro deste contexto, a informação se coloca como ainda mais importante, pois aliada ao avanço tecnológico, possibilita que uma vasta gama de informações diferentes

seja integrada, facilitando assim sua utilização e análise por parte do gestor e tomador de decisão (MENDES; ESCRIVÃO FILHO, 2002).

Para alcançar seus objetivos, a maioria das empresas utilizam-se de softwares de gestão, os quais se tratam de sistemas instalados em um computador ou acessados via *web*, compreendendo um conjunto de processos e ferramentas, que tem como uma de suas principais finalidades auxiliar a organizar todas as tarefas de uma instituição, atuando assim como um otimizador de processos de trabalho (PADILHA; MARINS, 2005).

Dentre os softwares ofertados no mercado, encontram-se os denominados sistemas de informação integrados, mais conhecidos como ERP (*Enterprise Resource Planning*). Os ERPs fornecem uma visibilidade geral da informação de qualquer parte da cadeia interna de suprimentos de determinada empresa, por exemplo, permite um suporte e controle para cada setor e seus respectivos processos. Logo, estes passaram a ser amplamente utilizados pelas empresas por permitir integrar todas as informações geradas pelas mesmas por meio de uma base única de dados, onde é possível se analisar de forma online e em tempo real, permitindo um controle geral de transações e processos (PADILHA; MARINS, 2005).

Além disso, o sistema ERP é um meio que torna possível o acesso e a utilidade da informação contábil, dentro das Micro e Pequenas Empresas, por parte de seus gestores, pois permite que dados contábeis, juntamente com dados financeiros, sejam transformados em informações relevantes (CRUZ, 2011).

Ainda assim, esses ERPs fazem parte e otimizam o processo do contador responsável pelas empresas, pois mesmo que não contenham um módulo fiscal específico, na grande maioria, integram com sistemas contábeis externos (OMIE, 2022).

Essa informação final é disposta nos denominados relatórios gerenciais, os quais são utilizados no ambiente interno da empresa, não precisando obedecer a um modelo padrão, pois são gerados exclusivamente para auxiliar a tomada de decisão por parte dos gestores, de maneira rápida e precisa (VIEIRA; RAUPP; BEUREN, 2004).

Esses relatórios são gerados mediante módulos presentes dentro do software, os quais auxiliam diversas áreas de uma empresa, podendo ser personalizados de acordo com suas necessidades. Dentre essas, podem-se citar como exemplo: o setor comercial, beneficiado com relatórios de notas fiscais de entrada, saída, pedidos de venda e toda a informação histórica de vendas e clientes; o setor financeiro, por meio de conciliações bancárias, relatórios de comissões, contas a pagar e a receber; e, também, o setor de compra, mediante relatório de acompanhamento, contagem de estoques e, até mesmo, sugestões de compras (ZILLI, 2017).

Conforme mencionado anteriormente por Mendes e Escrivão Filho (2002), os softwares ERPs apresentam vantagens que comprovam o diferencial que uma ferramenta de gestão garante à empresa. Portanto, a utilização do mesmo tende a melhorar e de deixar visível para dentro da empresa, por parte dos gestores, sua importância, através dos relatórios e indicadores que medem o desempenho da mesma ao longo de determinado período, ou seja, a performance das entidades tende a aumentar positivamente, conforme a utilização conjunta de ferramentas presentes no programa. Dentre os indicadores que tornam possível essa verificação, pode-se citar os indicadores ligados ao desempenho medido pela contabilidade financeira (externa) e ao desempenho medido pela contabilidade societária e de custos (interna).

Neste contexto, este trabalho busca responder o seguinte problema de pesquisa: qual a relação entre o uso de informações disponíveis em softwares de gestão (ERPs) e o desempenho percebido por gestores de Micro e Pequenas Empresas que fazem uso destes softwares?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem como objetivo geral estabelecer a relação entre o uso de informações disponíveis em softwares de gestão (ERPs) e o desempenho percebido por gestores de Micro e Pequenas Empresas que fazem uso destes softwares.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para o cumprimento do objetivo geral, foram traçados os três seguintes objetivos específicos:

- Analisar a percepção dos gestores quanto ao desempenho da empresa;
- Analisar a percepção dos gestores quanto à utilização de relatórios gerenciais na empresa;
- Relacionar a utilização das informações oriundas do Software e a percepção de desempenhos dos gestores de Micro e Pequenas Empresas.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em decorrência da abrangência e crescimento das Micro e Pequenas Empresas no Brasil aliada a competitividade empresarial, investir na gestão de uma empresa se tornou cada vez mais crucial, pois essa está diretamente relacionada com o triunfo ou fracasso do negócio. No entanto, a informação necessária para auxiliar nesse processo, deve atender a um conjunto de características do usuário, como agilidade e confiabilidade. Logo, a utilização de sistemas de informação (SI) se torna eficaz para organizar e filtrar dados, transformando-os em informações úteis para o negócio (CRUZ, 2011).

Além disso, na era da tecnologia e conhecimento, o uso de softwares completos e eficientes, como no caso dos ERPs, auxiliam e tornam o meio de gestão mais automatizado e eficiente, pois possibilitam a interconexão entre os processos de negócio, tanto operacionais quanto estratégicos, ocasionando um maior controle dos dados das empresas, e por consequência uma tomada de decisão mais assertiva com base nos mesmos (SEBRAE, 2016).

Isso se torna possível, pois esses softwares permitem a emissão de relatórios de controles internos como pagamentos, recebimentos, estoques, assim como de relacionamentos com consumidores e fornecedores, possibilitando até mesmo uma conexão com canais de *e-commerce* (SEBRAE, 2016).

Este trabalho busca contribuir ao desafio de monitorar os impactos de softwares de gestão, especificamente ERPs, nas Micro e Pequenas Empresas, trazendo à tona se realmente o seu uso por parte de gestores, que se apoderam de suas ferramentas e relatórios gerenciais inclusos para auxiliar no processo de gestão, conseguem ter alta percepção de melhora no desempenho financeiro das entidades de forma notória ao longo do período observado pelo estudo. Também apresenta contribuição ao discutir sobre o uso de sistemas de ERPs para o processo decisório dentro das empresas, e não somente no processo operacional do dia a dia como é a realidade de algumas.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é constituído por seções, sendo: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Análise e Discussão dos Resultados, Conclusão e, por último, as Referências e os Apêndices utilizados. O presente capítulo apresenta a Introdução do estudo, contextualizando o problema, os objetivos que contribuirão de suporte para responder ao problema e sua justificativa.

Na segunda parte é disposto o Referencial Teórico que embasa o estudo e aborda as principais temáticas norteadoras da pesquisa, servindo posteriormente de sustento para a análise e interpretação dos resultados.

Em seguida, na terceira seção, é definida a Metodologia utilizada na elaboração da pesquisa, abordando o delineamento metodológico, a população e a amostra utilizada, os construtos, subconstrutos e variáveis do estudo, o tratamento dos dados e, por fim, as limitações do método empregado.

Posteriormente, na quarta parte, é retratada a Análise e Discussão dos Resultados, a qual destaca a caracterização da amostra da pesquisa, a análise de componentes principais confirmatória (ACPC), o modelo de mensuração e o modelo estrutural empregado no estudo. Por fim, na última seção consta a Conclusão, a qual busca responder a problemática levantada, além de, trazer à tona novamente os objetivos definidos no presente estudo, expondo suas contribuições, limitações e sugestões para pesquisas futuras. Após, encerra-se o trabalho com a apresentação das Referências e dos Apêndices utilizados na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção compreende a fundamentação da base teórica da pesquisa. Logo, apresenta-se uma revisão dos principais termos tratados neste presente estudo, iniciando-se pelo tema das Micro e Pequenas Empresas, seguido pelo dos indicadores de desempenho e, por último, dos sistemas ERP.

2.1 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

As Micro e Pequenas Empresas apresentam uma grande representatividade no Brasil, tornando-as essenciais para o desenvolvimento da economia. Segundo o SEBRAE (2022), essa representação se torna visível através do crescimento exponencial das mesmas de 28%, entre 2010 e 2017. Em 2021, a estimativa de Micro e Pequenas Empresas em atividade era de 6,6 milhões, o equivalente a 92% do universo de 7,2 milhões existentes no país (SEBRAE, 2022).

No Brasil, a fim de incentivar e simplificar as obrigações administrativas, tributárias e previdenciárias, de pequenos empreendedores, a Constituição da República (BRASIL, 1988) no artigo 179, possibilitou que microempresas e empresas de pequeno porte recebessem um tratamento jurídico particular e benéfico em relação às demais (DAHER *et al.*, 2012).

Porém, foi com a aprovação da Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006, que se presenciou uma grande conquista para as Micro e Pequenas Empresas do Brasil, onde foi estabelecido e regulamentado incentivos e estímulos através de um sistema mais justo e simples de pagamento e tributos, além instituir o Estatuto Nacional, que determinou a conceituação legal para Microempresa (ME), Empresa de Pequeno Porte (EPP) e para Microempreendedor Individual (MEI) (DAHER *et al.*, 2012).

Para realizar a classificação de cada empresa quanto ao seu porte existem inúmeros critérios. No Brasil, existem dois fatores para realizar essa divisão: o número de funcionários; e o faturamento anual bruto.

O primeiro fator é de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), onde Microempresa é aquela que possui até nove funcionários, no ramo de comércio ou serviços, e até 19 funcionários no caso de indústria ou construção civil. Já para se enquadrar como Pequena Empresa é necessário possuir de 10 a 49 funcionários, sendo a atividade comércio ou serviços, e de 20 a 99 funcionários, no caso de indústria ou construção civil (SEBRAE, 2018).

O segundo fator vai ao encontro da Lei Complementar nº 123/2006, que leva em conta o faturamento anual da empresa em questão. Segundo esta, Microempresa é a empresa que apresenta faturamento anual igual ou inferior a R\$360.000,00. Já a Empresa de Pequeno Porte, é aquela que possui faturamento anual maior que R\$360.000,00 e igual ou inferior a R\$4.800.000,00 (BRASIL, 2006).

2.1.1 Relevância das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira

Como já retratado anteriormente, as Micro e Pequenas Empresas assumem o papel de protagonistas no quesito relevância dentro da economia brasileira. Isso se confirma, pois além de representarem a maioria dos negócios do país, são responsáveis por uma imensa parcela do faturamento de todas as empresas do Brasil, contratando mais da metade da mão de obra formal e assumindo o posto de maiores responsáveis pela garantia de renda e emprego no país (SANTOS, P. *et al*, 2018).

De acordo com SEBRAE (2022), em 2021 as Micro e Pequenas Empresas representam 99% dos empreendimentos brasileiros, correspondendo em média a 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

Ainda, as Micro e Pequenas Empresas foram responsáveis pela criação de 2,1 milhões de novos postos de trabalho, dos 2,7 milhões criados no país em 2021, ou seja, a cada 40 vagas de empregos geradas no Brasil, neste período, 31 foram criadas pelas mesmas (SEBRAE, 2022). Além disso, segundo SEBRAE (2022, p.80) “em 2022, a maioria dos Micro e Pequenos Empreendedores tem como única fonte de renda a sua atividade como empreendedor”, percentual este de 71% dos exercícios desempenhados por essa categoria.

Já em questão de distribuição de Micro e Pequenas Empresas na economia brasileira, em 2021, foi identificado que “os setores com maior número é o de serviços (41%), seguido de comércio (36%), indústria (8%), construção civil (5%) e agropecuária (1%)” (SEBRAE, 2022, p.57). Dentre as atividades mais frequentes, destacam-se por ordem de relevância: o comércio varejista de vestuário e acessórios; os minimercados e armazéns; os restaurantes e similares; e as lanchonetes (SEBRAE, 2022).

Logo, é notório através dos dados expostos, a importância das Micro e Pequenas Empresas para a geração de renda, qualidade vida da população, como também para o crescimento e desenvolvimento econômico do Brasil.

2.1.2 Gestão Financeira nas Micro e Pequenas Empresas

Dentro do processo, grande parte das Micro e Pequenas Empresas sofre com a falta de planejamento e de uma gestão financeira adequada (SANTOS, P. *et al*, 2018). Segundo Drucker (1992 apud SANTOS, P. *et al*, 2018), “o tamanho de uma organização não modifica a natureza de uma empresa ou os princípios de sua administração, mas afeta a estrutura administrativa”, o que justifica o fato de muitas Microempresas encontrarem dificuldades pelo caminho conforme crescem.

A gestão financeira é crucial para que as empresas almejem bons resultados, sejam sólidas e consigam ter prosperidade no mercado (BERTOLETTI, 2015). De acordo com Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2005, p.111) “A administração financeira é a área da administração responsável por assegurar a saúde econômica e financeira da empresa, mitigar seus riscos e aumentar seu valor”.

Por sua vez, a administração financeira compreende atividades como planejamento, controle e administração dos recursos financeiros de uma organização. Para realizar essas atividades os gestores financeiros dispõem de várias ferramentas e técnicas que o auxiliam no controle de estoques, disponibilidade de caixa e apuração de lucros. Entre as quais pode-se destacar: a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), o Demonstrativo de Fluxo de Caixa (DFC) e o Controle de Estoques, podendo-se elencar o método ABC (COSTA; DRUMOND, 2016).

Além das ferramentas mencionadas, cabe destaque a gestão de capital de giro, a qual é responsável por financiar o ciclo operacional da empresa, e é segundo Matarazzo (2003, p. 337) “a chave para a administração financeira de uma empresa”. Logo, pode-se dizer que a falta de uma gestão financeira adequada ocasiona inúmeros problemas para a empresa em todas as suas esferas, pois esta depende de recursos financeiros para sua sobrevivência.

2.2 INDICADORES DE DESEMPENHO

Os indicadores de desempenho constituem uma ferramenta importante para a gestão das empresas, pois além de servirem como um instrumento de monitoramento constante, auxiliam os gestores na tomada de decisão e no planejamento futuro. Logo, este estudo irá elencar indicadores medidos pela contabilidade societária, no caso do Demonstrativo de Resultado do Exercício (DRE); pela contabilidade financeira, no caso do Fluxo de Caixa (DFC); e pela contabilidade de custos, no caso do ABC de Produtos Comprados e Vendidos.

2.2.1 Fluxo de Caixa

Segundo Gelbcke *et al* (2013), a demonstração de fluxo de caixa se tornou obrigatória em 2008, após a publicação da Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007, onde se decidiu cobrar das empresas que a apresentasse com base e intuito de que fosse exposto um resultado real do exercício da empresa. Contudo, ainda segundo Gelbcke *et al* (2013), ela não tinha a obrigatoriedade de ser detalhada e era baseada na norma internacional de contabilidade IAS 7 e muito se assemelha à norma norte-americana FAS 95, sendo orientada pelo CPC 03.

2.2.1.1 Benefícios e Objetivos do Fluxo de Caixa

Também segundo Gelbcke *et al* (2013), o objetivo primário da demonstração dos fluxos de caixa (DFC) é prover informações relevantes sobre os pagamentos e recebimentos, em forma monetária, de uma empresa, ocorridos durante um determinado período, e com isso ajudar os usuários das demonstrações contábeis na análise da capacidade da entidade de gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades para utilizar esses fluxos de caixa.

Já segundo Frezatti (1997 apud ALBINO, 2003), o caixa de uma empresa gera lucro conforme a sua disponibilidade para aplicação. Da mesma forma, a ausência de caixa impacta o resultado à medida que se pagam os encargos cobrados pelos recursos de terceiros, tornando o resultado menor. Deste modo, ainda segundo Albino (2003), as Micro e Pequenas Empresas necessitam de liquidez na expectativa de saldar suas obrigações, bem como para reinvestir no seu patrimônio e garantir competitividade no mercado. Com isso, o fluxo de caixa possibilita que a empresa demonstre sua verdadeira situação econômica, colocando-a à parte de suas obrigações e avaliando seus investimentos tanto a curto prazo como a longo prazo.

Perante a visão de Gelbcke *et al* (2013), as informações do fluxo de caixa, principalmente quando analisadas em conjunto com as demais demonstrações financeiras, podem permitir que investidores, credores e outros usuários avaliem: a capacidade de a empresa gerar futuros fluxos líquidos positivos de caixa; a capacidade de a empresa honrar seus compromissos, pagar dividendos e retornar empréstimos obtidos; a liquidez, a solvência e a flexibilidade financeira da empresa; a taxa de conversão de lucro em caixa; a performance operacional de diferentes empresas, por eliminar os efeitos de distintos tratamentos contábeis para as mesmas transações e eventos; o grau de precisão das estimativas passadas de fluxos

futuros de caixa; e os efeitos, sobre a posição financeira da empresa, das transações de investimento e de financiamento.

2.2.1.2 Usuário da Informação

Com essa visão trazida por Gelbcke *et al* (2013), fica entendido que o fluxo de caixa quanto a informação, mune o decisor de informações bases para qualquer investida. Já para Albino (2003), não basta ter a informação, é imprescindível o conhecimento do instrumento como sendo uma ferramenta tática e estratégica pelo usuário da informação, para que seja realmente capaz de servir de apoio ao planejamento e controle financeiro de uma Micro e Pequena Empresa.

Segundo ainda Kassai (1997 apud ALBINO, 2003), é preciso considerar algumas características básicas, que asseguram o atendimento das necessidades dos gestores de pequenas empresas, conforme o seu perfil e os problemas de gestão de Pequenas e Micro Empresas. Como características básicas desse conjunto de informações, voltadas ao pequeno empresário, destaca:

- a) simplicidade: as informações devem ser de entendimento intuitivo;
- b) facilidade de obtenção: onde as informações devem ser levantadas de forma fácil;
- c) relevância: onde apesar de a contabilidade ser conhecida pela coincidência algébrica dos centavos, propõe, inicialmente, que o empreendedor se preocupe apenas com as informações mais relevantes, desconsiderando os valores menores;
- d) atualidade: embora relacionada de forma incorreta à mensuração de fatos e eventos passados, a contabilidade propõe modelos de informação, voltados para fatos e eventos presentes e futuros;
- e) possibilidade de efetuar simulações: sendo importante que os modelos considerem a possibilidade de efetuar simulações com relação às variáveis principais, simular queda ou crescimento das vendas, aumento ou diminuição de custos/despesas, efeitos de financiamentos e empréstimos ou outras variáveis que podem auxiliar as decisões do empreendedor;
- f) facilidade de manipulação das informações: onde a popularização da utilização de microcomputadores tornou possível desenvolver modelos em softwares do tipo planilha eletrônica.

2.2.2 Demonstrativo do Resultado do Exercício

Segundo o Pronunciamento Técnico CPC 26 (R1) (Apresentação das Demonstrações Contábeis), as empresas devem apresentar todas as mutações do patrimônio líquido reconhecidas em cada exercício, que não representem transações entre a empresa e seus sócios, em duas demonstrações: a demonstração do resultado do período e a demonstração do resultado abrangente do período. Isso quando se trata da parte contábil a ser publicada, já como mencionado por Felix e Dias (2019), a parte gerencial e seus relatórios, são as informações e dados que uma empresa gera em determinado período.

Segundo elas, Felix e Dias (2019), a DRE como um pilar desses relatórios, pois se trata de um demonstrativo de imensa importância para os gestores, contendo informações relevantes notados na sua estrutura, os quais são utilizados principalmente para a tomada de decisão. Para Padoveze (2017), é a segunda mais importante demonstração, pois evidencia lucros ou prejuízos acumulados durante determinado período.

2.2.2.1 Benefícios e Objetivo do Demonstrativo do Resultado do Exercício

No ponto de vista de Gonçalves, Santos e Acuña (2019), a DRE é clara e tem um objetivo bem breve que é analisar o desempenho econômico de maneira objetiva, ainda que contenha detalhes de grupos de despesas, tipos de lucros, impostos e demais, pois esses são componentes importantes para uma decisão assertiva.

Já Felix e Dias (2019) viam como clara, mas mais complexa essa, pois a mesma tem extrema importância e responsabilidade financeira. Segundo elas, ainda, sua regularização está contida na Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, que define como deve ser elaborada, sendo que quando elaborada de acordo com o proposto, pode gerar informações relevantes para a tomada de decisão dos gestores, possibilitando assim maior segurança.

Felix e Dias (2019), explicam também sobre a obrigação desta demonstração, considerando que é relevante todas as empresas elaborarem, mesmo não sendo obrigatória a sua publicação. Já quanto a utilidade, Felix e Dias (2019), descrevem que através da elaboração da DRE, onde os gestores analisam a situação da empresa evidenciando assim se ela teve lucro ou prejuízo, e já visando de que forma poderá obter melhoria no futuro.

2.2.2.2 Usuário da Informação

Como já mencionado, Felix e Dias (2019), entendem como o principal usuário da informação o gestor tomador de decisão, contudo, segundo Silva e Matta (2010), cada vez mais essas informações se dissipam, fazendo com que cada pessoa física possa ser o usuário dessa informação para investir.

Silva e Matta (2010), ainda frisam que com o capitalismo como modelo econômico predominante na maioria dos países, faz com que as pessoas sejam usuárias quase natas das informações voltadas à educação financeira pessoal. Ainda que as pessoas não tenham consciência de suas necessidades informacionais nesta temática, é fato que todos aqueles que lidam de alguma forma com o dinheiro podem ser beneficiados com o acesso a este tipo de informação e, por consequência, são usuários potenciais.

2.2.3 ABC dos Produtos Comprados e Vendidos

Para Pereira (1999), geralmente uma análise ABC resulta da separação dos itens de estoque em três grupos de acordo com o valor de demanda anual, quando se tratando de produtos acabados. Esse valor de consumo anual ou valor de demanda anual, é determinado através da multiplicação do preço ou custo unitário de cada item pelo seu respectivo consumo ou sua demanda. Basicamente essa análise se dá pela curva ABC, que segundo Ballou (2011), foca no planejamento de suprimento e a distribuição física de qualquer firma é a soma dos planos individuais dos produtos. A maioria fabrica muitos produtos, que estão em diferentes pontos de seu ciclo de vida e com variados graus de sucesso comercial. Em qualquer período de tempo, isto cria um fenômeno chamado de curva ABC.

Pozo (2002), salienta que na área administrativa, a curva ABC se tornou de ampla utilidade nos mais diversos setores em que se necessita tomar decisões, envolvendo grande volume de dados e a ação se torna urgente, sendo constantemente usada para avaliação principalmente de estoques.

Basicamente, segundo Pereira (1999), a curva ABC se trata de uma ferramenta gerencial que permite identificar quais itens justificam atenção e tratamento adequado quanto à sua importância relativa.

Na visão de Dias (2006), a administração deverá determinar os objetivos a serem atingidos, isto é, estabelecer certos padrões e critérios que sirvam de guia aos programadores e controladores de estoque. Podendo ser baseada nas seguintes diretrizes: as metas quanto a

tempo de entrega dos produtos ao cliente; as definições do número de depósitos ou de almoxarifados e da lista de materiais para ser estocado; total do nível que deverá flutuar os estoques para atender a uma alta ou baixa das vendas ou a uma alteração do consumo; até que ponto é possível a especulação com estoques, comprando antecipadamente com preços mais baixos ou comprando uma quantidade maior para obter desconto; e definir a rotatividade do estoque.

2.2.3.1 Markup

O *markup* é uma informação gerencial que basicamente depende da base de custos adotada pela empresa, independentemente do método de custeio adotado pela mesma, segundo Mattos *et al* (2021). Com a utilização do *markup*, para todos os métodos de custo, obtém-se o preço dos produtos. Na prática empresarial, a utilização do *markup* na forma de multiplicador é a mais comum, para o qual se adota um percentual como forma de obtenção do preço, como traçado por Oyadomari *et al* (2018). Ainda, ressalta sobre a importância quanto a qualquer que seja a base de custo escolhida, o *markup* deve ter potencial suficiente para cobrir todos os custos e despesas para fornecer a rentabilidade desejada.

Ressalta-se, a partir de Mattos *et al* (2021), que em todas as questões relacionadas à adoção das abordagens utilizadas pelas empresas, o cálculo do custo leva em consideração as metodologias de custeio variável, custeio por absorção, custeio por atividades (ABC), e em certas situações, o método RKW, fazendo com que o resultado quando o assunto é estabelecimento de preços, se torne muito mais do que ter um gestor de custos dentro da área financeira que se utiliza das informações de custos com os dados da área de produção (quantitativo de horas, volume de produção, valor dos custos diretos e indiretos), para então calcular o custo de produção dos produtos.

2.2.3.2 Mix

Segundo Nélo (2008), o mix é a formação ideal dos estoques disponíveis da empresa. Basicamente, Nélo (2008), diz que mix de produtos deve ser desenvolvido com base em algum modelo de custeio, seja pelo custeio direto, o conhecido processo de MG (Modelo geral); por ações operacionais, conhecido como TOC (Theory of Constraints); ou controle de saída, conhecido como ABC.

Comummente em todo esse processo, segundo Nélo (2008), o mix de mercado é sempre o mesmo, independente da técnica utilizada com pequena margem de erro. Ainda, é visto a importância do mesmo para direcionamento e maior giro de estoque.

Giro de estoque esse, que, conforme dito por Silva e Madeira (2004), ganha maior potencialidade pelo lado operacional, apesar de já se adentrar em vários quesitos da visão estratégica pelos profissionais da área. Tem sido inegável o sucesso na esfera gerencial, dos conceitos e técnicas de gestão estratégica de custos e gestão do mesmo. Isso tem chamado a atenção para a contrapartida que a contabilidade precisa dar, para não ficar atrás dos avanços ocorridos nas empresas na área de qualidade total, na busca pela competitividade e maior eficácia nos negócios.

2.3 SISTEMAS ERP

2.3.1 O que é um Sistema ERP

Sobre ERP – (*Enterprise Resource Planning*) traduzida do literal, é definido por Koch, Slater e Baats (1999 apud PADILHA; MARINS, 2005) o significado de “Planejamento dos Recursos da Empresa”, o que pode não refletir a realidade de seus objetivos. Como mencionado pelos autores pioneiros como uma ligação de informações e não um aglomerado de recursos ou ferramenta de planejamento. Definindo essa como a real ambição da ferramenta.

Por isso, pode-se afirmar que o mesmo é um sistema integrado que fornece a rastreabilidade e visibilidade geral da informação em qualquer parte da empresa ou qualquer âmbito da cadeia interna de suprimentos. Além disso, os sistemas ERP, no Brasil também conhecidos como Sistemas Integrados de Gestão Empresarial, trazem um suporte e controle específico para cada um dos setores da entidade e seus respectivos processos operacionais, como dito por Chopra e Meindi (2003 apud PADILHA; MARINS, 2005).

Também definido por Chopra e Meindi (2003 apud PADILHA; MARINS, 2005), que esse tipo de sistema permite que o fluxo de informações seja único, contínuo e consistente, sob uma única base de dados. Além de se tornar um sistema que melhora e alinha processos, como produção, compras, vendas e demais controles, tendo o acesso a essa informação on-line e em tempo real. Basicamente um controle geral de transações e processos.

Como mencionado por Mendes e Escrivão Filho (2007), além da integração interna, dos anos 2000 em diante, muitas publicações acadêmicas vêm destacando a evolução do papel dos

sistemas ERP nas atividades de integração externa ao suportar as atividades de SCM (*supply chain management*) e de CRM (*customer relationship management*).

2.3.2 Relatórios Gerados através de um ERP

Tendo em vista que a visão do empreendedor está vinculada a questão do dinheiro e suas variações, a informação financeira se torna mais utilizada que a informação contábil, muitas vezes pela falta de conhecimento do valor desta, e procura por parte do gestor, tendo em vista que a informação contábil é tratada por grande parte dos gestores de Micro e Pequenas Empresas como de cunho puramente fiscal (CRUZ, 2011).

De acordo com Sant'ana (2014 apud GERMANO, 2016), o processo de converter as informações contábeis em algo compreensível aos usuários, tornando-se assim informações úteis, é a maior dificuldade na constituição de um relatório gerencial. Segundo Vieira, Raupp e Beuren (2004), relatórios gerenciais são aqueles realizados e utilizados, não constituindo necessariamente uma estrutura pré-estabelecida, visando contribuir para a tomada de decisão, através do suprimento da necessidade de informação interna da empresa.

Padoveze (2015), contribui alegando que essas informações contábeis, disponibilizadas aos usuários mediante relatórios gerenciais, são oriundas de sistemas de informação, os quais tem a finalidade de disponibilizar de maneira clara esses dados à administração da empresa, contribuindo para o controle de suas operações e à tomada de decisões.

Além disso, Bodnar e Hopwood (2000 apud CRUZ, 2011), tratam os sistemas de informação como “uma coleção de recursos humanos e materiais utilizados para transformar dados contábeis e financeiros e outros dados em informações utilizadas por tomadores de decisões”, contribuindo para a geração de relatórios com informações contábeis e financeiras relevantes, e diante disso, em decisões mais convenientes e adequadas.

Logo, a partir dessa integração de informações, é possível a geração de diversos relatórios, os quais são gerados através de determinados módulos presentes no software. A seguir, conforme Zilli (2017), será descrito alguns módulos utilizados para gerir determinadas áreas de uma empresa, através de um sistema ERP, e respectivos relatórios disponíveis através do mesmo:

- Vendas e Serviços: módulos utilizados pelo setor comercial e administrativo, facilitando o controle desde o orçamento até a emissão das notas fiscais de saída, através de

relatórios disponibilizados como orçamentos, pedido de venda, comissões, notas fiscais de saída, entre outros;

- Compras: módulo utilizado pelo setor comercial e financeiro, estabelecendo o controle de ordens e sugestões de compras e análise de custo. Compreende o fornecimento de relatórios de notas fiscais de entrada, formação de preço de venda, análise de custo, entre outros;
- Estoques: módulo utilizado pelo setor de compra e venda para controle, cadastro de novos itens e consulta. Permite a emissão de relatórios sobre a contagem de estoques, estoque em poder de terceiros, reprocessamento de custo médio, entre outros;
- Finanças: este módulo é utilizado pelo setor financeiro e administrativo, sendo registradas todas as operações financeiras da empresa. Os relatórios emitidos compreendem a conciliação bancária, demonstrativo do fluxo de caixa (DFC), demonstrativo do resultado do exercício (DRE), entre outros.

Vale ressaltar, de acordo com Zilli (2017), que o software de ERP é um sistema flexível e adaptável, ou seja, pode ser configurado de formas diferentes para cada empresa. Nesse caso, conforme requerimento por parte do gestor, poderá ser ajustado e personalizado relatórios que vão de encontro com as necessidades da empresa, contribuindo para a construção de melhores análises.

2.3.3 Facilidade de Acesso, Aquisição e Custo de Sistemas ERPs

Passado o bug do milênio e com o aumento das facilidades provindas do maior acesso à internet pelos empreendedores, Mendes e Escrivão Filho (2007), definiram que o ERP se tornou base para as Micro e Pequenas Empresas crescerem, pois o mesmo garante uma confiabilidade na informação gerada. Alinhado ao entendimento deles, Santos A. *et al* (2000), apontaram um pouco sobre os custos de aquisição de um sistema e seu tempo de retorno, basicamente, eles entenderam que com essa facilidade de acesso à internet, em conjunto ao acesso a banco de dados em nuvem, o sistema ERP adquirido pelas Micro e Pequenas Empresas poderiam ter um ROI (retorno sobre investimento) cada vez menor.

Ainda segundo Santos A. *et al* (2000), os sistemas ERP nos anos 90, tinham altos custos de aquisição e um ROI de no mínimo 18 meses, além de um custo considerável em relação a manutenção.

Já nos tempos atuais, segundo Santos, E. *et al* (2021), um sistema base para Micro e Pequenas Empresas trabalha em média, incluso implementação e treinamento, o valor de duzentos reais mensais. Valor esse, que enquadrado na realidade, tem um ROI praticamente nulo.

Muitas vezes, define-se um bom ERP como caro, não pela questão do investimento monetário, que como dito por Santos, E. *et al* (2021) já é conhecidamente mais baixo, mas sim, pelo tempo e esforço investido na implantação do mesmo, que varia de 6 a 18 meses em empresas já em exercício, como dito por Mendes e Escrivão Filho (2007).

2.3.4 Passos para a Adoção de um ERP

Com a percepção de que a inovação tecnológica pode trazer mudanças profundas para as empresas, Cooper e Zmud (1990 apud MENDES; ESCRIVÃO FILHO, 2007), dão a ideia de um modelo construído a partir da literatura a respeito de mudança organizacional, inovação e difusão tecnológica. Ainda, segundo Souza e Saccol (2003), o desempenho de um sistema ERP ao longo do tempo está diretamente relacionado ao sucesso no processo de implantação. Cabe à coordenação do projeto de implantação identificar corretamente as etapas e necessidades da empresa.

Por esse modelo, Mendes e Escrivão Filho (2007), propõem seis estágios para adoção de um sistema de gestão empresarial: a iniciação, onde são examinados os problemas organizacionais e as possibilidades das ferramentas até que se localize uma possibilidade de aplicação dessa tecnologia como solução; a adoção, realizando-se as negociações entre os interessados na empresa e são aprovados o projeto de implementação e os investimentos necessários; a adaptação, instalando-se os processos através dos quais a aplicação desse sistema será desenvolvido, sendo revistos os procedimentos organizacionais e treinados os usuários; a aceitação, onde os usuários são induzidos a se comprometerem com a aplicação dos procedimentos direcionados a eles perante o sistema; a rotinização, em que o uso da ferramenta é encorajado como uma atividade do dia a dia; e a incorporação, onde se amplia a eficácia e a eficiência organizacionais pelo uso da tecnologia.

Ainda sobre a implantação, Detregiachi Filho e Santos (2015) ressaltam que os sistemas ERP expõem alguns pontos de maior dificuldade quando se trata de cumprimento de custos e prazo de implantação, referindo-se à: colaboradores que oferecem resistência, rodízio dos colaboradores que foram capacitados com treinamentos no uso do ERP ou que dominam os negócios da organização, recursos humanos com qualidade, e consultorias de equipes

contratadas para enfrentarem as limitações e dificuldades de integrar o ERP escolhido com outros processos existente dentro da organização. São esses os fatores que não podem ser absolutamente previstos com procedência, no momento da composição dos cronogramas e custos, e, mesmo que desenvolvam margens de segurança, esses fatores podem colocar em risco a confiabilidade da implantação.

2.3.5 Tecnologia, Integração e o Armazenamento de Informações

Segundo Neves e Santos (2007), a tecnologia da informação (TI), é definida como um conjunto tecnológico constituído de hardware, software, redes de comunicação eletrônica de dados, redes digitais de telecomunicações, protocolos de transmissão de dados e outros serviços, destacando-se como ferramenta indispensável para aumentar o desempenho das empresas, no desenvolvimento tanto de seus processos produtivos, quanto na gestão empresarial.

Ainda dito por eles, Neves e Santos (2007), com a nova geração de tecnologias da informação, mais precisamente os sistemas de gestão empresarial, esse descompasso da informação entre as áreas da empresa poderia ser solucionado. Já sobre a base de dados, esta abordagem prevê e possibilita um fluxo de informações único, contínuo e consistente por toda a empresa, com informações centralizadas em um único banco de dados.

Trazido por Souza *et al* (2010), atualmente os usuários estão movendo seus dados e aplicações para a nuvem e assim podem acessá-los de forma simples e livre de qualquer restrição de localidade. Souza *et al* (2010), mensuram ainda que esse cenário é semelhante ao que ocorreu há aproximadamente 50 anos: um servidor de tempo compartilhado acessado por vários usuários. Contudo, nas últimas décadas, quando os computadores pessoais surgiram, os dados e as aplicações começaram a ser utilizados localmente.

Com esse movimento, surge a oportunidade e o alavancamento dos ERPs, pois, segundo Abadi (2009 apud SOUZA *et al*, 2010) os sistemas de gerenciamento de banco de dados (SGBDs) se tornaram candidatos potenciais para essa implantação em nuvem. Isso ocorre porque, em geral, as instalações destes sistemas são complexas e envolvem uma grande quantidade de dados, ocasionando um custo elevado, tanto em hardware quanto em software. Para muitas empresas, especialmente para Startups e/ou Micro e Pequenas Empresas, o pagamento baseado no uso do modelo de computação em nuvem, juntamente com o suporte para manutenção do hardware se tornou muito atraente.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia, realizando o tratamento do delineamento metodológico do estudo quanto à abordagem do problema, aos objetivos e aos procedimentos técnicos adotados. A seguir, apresenta-se a população, a amostra, os construtos, subconstrutos e as variáveis da pesquisa. Por fim, é descrito o tratamento dos dados, subdividindo-se em coleta e análise dos mesmos.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2008), o delineamento constitui a dimensão mais ampla do planejamento da pesquisa, considerando desde o ambiente em que os dados são coletados, até a forma de controle e interpretação dos mesmos.

Logo, “o delineamento ocupa-se precisamente do contraste entre a teoria e os fatos e sua forma é a de uma estratégia ou plano geral que determine as operações necessárias para fazê-lo” (GIL, 2008, p.49), constituindo assim a etapa em que o pesquisador começa a aplicar métodos, os quais proporcionam meios técnicos, para a investigação.

No que se refere aos objetivos, este trabalho é qualificado como descritivo, o qual segundo Gil (2008, p.28), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis”. Sendo assim, esse estudo se propôs a descrever, e verificar a relação, entre o uso de informações disponíveis em softwares de gestão (ERPs) com o desempenho percebido por gestores de Micro e Pequenas Empresas que fazem o uso dos mesmos.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa quantitativa, a qual segundo Richardson (1999), caracteriza-se pelo uso da quantificação, tanto no momento da coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se para isso instrumentos padronizados, como questionários. Logo, objetivou-se a descobrir e analisar a relação mencionada anteriormente, através da técnica de quantificação dos dados.

Já em relação ao procedimento empregado, compreende um estudo de levantamento de campo (*Survey*), o qual Gil (2008, p.55) trata como uma “solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter conclusões correspondentes dos dados coletados”. Diante disso, foi solicitado mediante questionário, para gestores de Micro e Pequenas Empresas que acessam

regularmente relatórios emitidos por ERPs, visando verificar a relação com a percepção de desempenho de suas empresas.

Diante do delineamento metodológico exposto, a seguir são apresentadas a população e a amostra do estudo.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população ou universo da pesquisa é definida como o conjunto de unidades com aspectos semelhantes, constituindo o alvo da pesquisa (GIL, 2019; VERGARA, 2016). Logo, a fim de realizar a análise sobre a relação entre o uso de informações de softwares de gestão e o desempenho percebido pelos gestores das empresas, a população da pesquisa é composta por Micro e Pequenas Empresas, do ramo do comércio, indústria e/ou prestação de serviços, levando em consideração o que determina a Lei Complementar nº 123/2006, como visto anteriormente, e que compreendem o rol das empresas que utilizam o sistema ERP de uma empresa de software local, neste estudo denominado por Alpha ERP.

A escolha por trabalhar com esse grupo de empresas se justifica pelo fato de constituírem a maioria dos negócios no país, e também pelo fato de que o uso da informação e de uma gestão adequada, não acompanha essa abrangência e tem pouca relevância na visão de grande parte dos gestores dessas empresas.

Já a definição do sistema ERP ocorreu por conveniência dos pesquisadores, tendo em vista a acessibilidade e autorização para a coleta de dados de clientes que utilizam o software, pois um dos pesquisadores já trabalhou na empresa detentora do Alpha ERP. Além disso, a utilização de um mesmo software constitui uma variável de controle, ou seja, a utilização de um mesmo ERP e, por consequência, de uma estrutura de dados semelhante em todas as empresas elencadas, possibilita a pesquisa responder melhor sobre o que está propondo, sem julgamento de informações distintas entre diferentes sistemas. A base de dados coletada encontra-se de acordo com a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, a qual dispõe sobre a Lei Geral de Proteção de Dados, constando apenas dados de empresas autorizadas pelo responsável da organização.

Logo, estimou-se uma amostra inicial composta por 60 empresas, todas selecionadas de forma aleatória e enquadradas nos critérios mencionados anteriormente. Essa constituição da amostra, apoia-se pelo fato de que gestores que emitem relatórios gerenciais a partir do software em questão e entendem dos mesmos, tendem a utilizá-los como informação útil na gestão de suas empresas, fazendo estas apresentarem um desempenho significativo, visível e exponencial.

Diante dessa seleção, foram alcançadas 22 respostas válidas, compondo a amostra final da pesquisa. Todas elas foram obtidas mediante questionário elaborado aos gestores e/ou usuários da informação, no qual deviam responder a algumas perguntas a respeito do uso do ERP utilizado e a percepção de desempenho de sua empresa, mediante quatro construtos de desempenho construídos a fim de se obter as informações necessárias para o estudo. A seguir, tais construtos e variáveis serão detalhados.

3.3 CONSTRUTOS, SUBCONSTRUTOS E VARIÁVEIS DA PESQUISA

Para alcançar o objetivo proposto foi utilizado um questionário (Apêndice A), composto por 20 assertivas estruturadas a partir de escalas já validadas em estudos anteriores. Como há diferentes autores, foi elaborado um quadro resumo (Quadro 1) para melhor entendimento.

Quadro 1 - Assertivas validadas

(continua)

Assertivas	Adaptado de
1 – Eu sei o que é uma DRE.	(MONTEIRO; PARRA, 2019)
2 – Eu sei o que é um relatório ABC de produtos comprados.	(MONTEIRO; PARRA, 2019)
3 – Eu sei o que é um relatório ABC de produtos vendidos.	(MONTEIRO; PARRA, 2019)
4 – Eu sei o que é um Fluxo de Caixa	(MONTEIRO; PARRA, 2019)
5 – Eu consigo verificar se a empresa apresenta lucratividade (lucro líquido sobre receita líquida).	(BARDI <i>et al.</i> , 1994)
6 – Eu consigo verificar informações sobre recebimentos e pagamentos em determinado período.	(MAINARDES <i>et al.</i> , 2014)
7 – Eu consigo verificar quais itens devo ter em estoque.	(MAINARDES <i>et al.</i> , 2014)
8 – Eu consigo verificar quais itens são mais vendidos.	(FERNANDES, 2017)
9 – Eu utilizo informações da DRE para controle dos gastos fixos/variáveis da empresa.	(ALBINO, 2003)

Quadro 1 - Assertivas validadas

(conclusão)

10 – Eu utilizo informações oriundas do relatório ABC de produtos comprados para controle do estoque da empresa.	(ALBINO, 2003)
11 – Eu utilizo informações oriundas do relatório de Fluxo de Caixa para controle do fluxo financeiro da empresa.	(ALBINO, 2003)
12 – Eu utilizo informações oriundas do relatório ABC de produtos vendidos para controle dos itens mais vendidos da empresa.	(ALBINO, 2003)
13 – A empresa encontra-se bem financeiramente.	(WALSH; BEATTY, 2007)
14 – Os lucros da empresa aumentaram nos últimos períodos.	(BARDI <i>et al.</i> , 1994)
15 – Eu tenho clareza de qual produto representa o maior giro de estoque.	(BARDI <i>et al.</i> , 1994)
16 – Eu sei qual produto deve ser foco das operações de vendas.	(FERNANDES, 2017)
17 – O total de entrada de recursos tem sido superior ao total de saída dentro do período.	(ALBINO, 2003)
18 – O resultado operacional da empresa tem sido consistente.	(MAINARDES <i>et al.</i> , 2014)
19 – Eu consigo tomar decisões adequadas relativas à compra de insumos e/ou mercadorias.	(SACCOL, 2004)
20 – Eu consigo prever com clareza a composição das vendas da empresa.	(FERNANDES, 2017)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Ainda, para a definição do questionário e de seus respectivos construtos, foram elencados os temas dos relatórios a serem abordados.

O primeiro tema abordado, denominado como Fluxo de Caixa, compreendeu indagações que buscaram extrair informações a respeito do uso do relatório de Fluxo de Caixa, como: conhecimento de movimentações dentro de determinado período; aspecto do saldo desse fluxo;

se este o fluxo de caixa da empresa permite ao gestor realizar investimentos; e se ele acredita que o relatório é útil para gerenciar e melhorar o desempenho de seu negócio. Com base nesse tema, buscou-se entender se o usuário compreende a importância, vê evolução, considera o ERP também responsável por essa evolução e se conhece a real utilidade dessa informação.

Já o segundo tema abordado, denominado Resultado, compôs questionamentos sobre o uso do relatório de Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), como: se se entende que as operações realizadas pela empresa apresentam lucro; se o lucro da empresa no último ano tem melhorado; se as receitas operacionais têm apresentado aumento; se o gestor acredita que o relatório seja útil na gestão e para o desempenho de seu negócio; e se o esse gestor acredita que os valores dispostos lá são realmente reflexo do que a empresa pode distribuir. Com base nesse tema, buscou-se entender se o usuário compreende a importância, vê evolução, considera o ERP também responsável por essa evolução e se conhece a real utilidade dessa informação.

O terceiro tema abordado, chamado de Ferramenta de Controle de Vendas, compreendeu questionamentos sobre a utilização do relatório de ABC de Produtos Vendidos, como: se o gestor consegue identificar os produtos e/ou serviços mais vendidos e/ou prestados em seu negócio; se o relatório permitiu ter a clareza mencionada anteriormente; se a partir do relatório é possível gerenciar com maior precisão o estoque; se o relatório permite uma melhor gestão e desempenho de seu negócio; e também, se melhorou o giro de estoque da empresa com a utilização da informação gerada. Com base nesse tema, buscou-se entender se o usuário compreende a importância, vê evolução, considera o ERP também responsável por essa evolução e se conhece a real utilidade dessa informação.

E por fim, o quarto tema abordado, denominado como Ferramenta de Controle de Compras, trouxe questionamentos a respeito do relatório de ABC de Produtos de Comprados, como: se os produtos mais comprados são por consequência os mais vendidos; se é possível ter clareza de quais produtos necessitam estar em maior número no estoque; se a gestão de estoques leva em conta os dados apresentados no relatório; se o relatório torna possível uma melhor gestão e desempenho do negócio; assim como, se melhorou o giro de estoque da empresa com a utilização da informação gerada. Com base nesse tema, buscou-se entender se o usuário compreende a importância, vê evolução, considera o ERP também responsável por essa evolução e se conhece a real utilidade dessa informação.

Vale-se ressaltar que, como são empresas de ramos diferentes, enquadramentos diferentes, não foi pré-estabelecido “cases de sucesso”, ou seja, se entende-se que a posição do gestor e a elevação dos números, independente de proporção, como desempenho significativo.

Mediante tais abordagens, o instrumento foi constituído por quatro blocos, de modo que o primeiro contempla o subconstruto de conhecimento, que é a representação do conhecimento do respondente acerca dos relatórios de gestão empresarial, formado por 4 questões. Além deste, o bloco compreende o subconstruto de usabilidade, que faz referência ao uso dos relatórios de gestão empresarial por parte do respondente, formado por quatro questões.

No segundo bloco contempla-se o subconstruto de frequência, o qual faz referência a frequência com que foram emitidos os relatórios gerenciais para a tomada de decisão, formado por quatro questões. Os três subconstrutos mencionados até o momento formam o construto denominado de utilização, o qual representa a efetiva utilização dos relatórios de gestão empresarial por parte do usuário.

O terceiro bloco compõe o construto de desempenho, que indica a percepção do desempenho da empresa por parte do respondente, sendo composto por oito afirmativas. Por fim, o quarto bloco compreende cinco questões relativas ao respondente, sendo elas: o nome do ERP que utiliza, o tempo que utiliza esse software na empresa, idade, formação acadêmica e cargo que desempenha na organização. Deste modo, o instrumento apresenta um total de 25 questões.

No Quadro 2, apresentam-se os construtos, subconstrutos e variáveis que compõem a pesquisa.

Quadro 2 - Construtos, subconstrutos e variáveis do estudo

(continua)

CONSTRUTO UTILIZAÇÃO
SUBCONSTRUTO CONHECIMENTO
Variáveis
1 – DRE_Conhecimento
2 – ABC_Compras_Conhecimento
3 – ABC_Vendas_Conhecimento
4 – Fluxo_de_Caixa_Conhecimento
SUBCONSTRUTO USABILIDADE
Variáveis
5 – DRE_Usabilidade
6 – Fluxo_de_Caixa_Usabilidade

Quadro 2 - Construtos, subconstrutos e variáveis do estudo

(conclusão)

7 – ABC_Compras_Usabilidade
8 – ABC_Vendas_Usabilidade
SUBCONSTRUTO FREQUÊNCIA
Variáveis
9 – DRE_Frequência_Percebida
10 – ABC_Compras_Frequência_Percebida
11 – Fluxo_de_Caixa_Frequência_Percebida
12 – ABC_Vendas_Frequência_Percebida)
CONSTRUTO DESEMPENHO
Variáveis
13 – Fluxo_de_Caixa_Desempenho_Percebido_I
14 – DRE_Desempenho_Percebido_I
15 – ABC_Compras_Desempenho_Percebido_I
16 – ABC_Vendas_Desempenho_Percebido_I
17 – Fluxo_de_Caixa_Desempenho_Percebido_II
18 – DRE_Desempenho_Percebido_II
19 – ABC_Compras_Desempenho_Percebido_II
20 – ABC_Vendas_Desempenho_Percebido_II

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A partir do Quadro 2, observa-se as 20 variáveis utilizadas para avaliar os construtos e subconstrutos, todas mensuradas a partir de suas respectivas assertivas medidas sob pontuação da escala tipo *Likert*, a qual varia de 1 a 5, sendo 1 Discordo e 5 Concordo, para os blocos I e II do questionário, e 1 nunca utilizo e 5 sempre utilizo, para o bloco II do instrumento.

Diante da apresentação dos construtos, subconstrutos e variáveis da pesquisa, a seguir, detalha-se o tratamento dos dados.

3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta seção seria evidenciada de forma inicial a coleta dos dados, e logo após, a análise dos mesmos.

3.4.1 Coleta dos Dados

Como já mencionado, a fim de realizar-se a obtenção dos dados necessários para a execução do estudo, elaborou-se um instrumento de pesquisa na forma de questionário online (Apêndice A) através da plataforma Google Forms, de maneira que sua aplicação ocorreu mediante ligações telefônicas, com os usuários que utilizam informações oriundas de relatórios gerenciais obtidos do Alpha ERP. Essa ferramenta é composta por 20 assertivas (Quadro 1), decorrentes de escalas devidamente validadas e divididas em três blocos, além de 5 questões relacionadas aos dados do respondente dispostas em outro bloco.

A partir disso, a coleta iniciou no dia 24 de outubro de 2022 e finalizou em 03 de janeiro de 2023. Antes da aplicação do instrumento os participantes foram comunicados do objetivo do estudo, bem como, dos aspectos éticos da pesquisa, sendo solicitado as respostas de forma integral e assegurado o anonimato dos respondentes e de suas respectivas empresas. Ao final do período de coletas obteve-se um total de 22 questionários respondidos. Após a realização da coleta de dados, os questionários foram tabulados em uma ferramenta de planilha eletrônica para efetivar-se uma análise posterior, a qual é detalhada a seguir.

3.4.2 Análise dos Dados

Diante dos questionários respondidos, visando analisar os dados obtidos, foi inicialmente elaborada uma planilha eletrônica no programa Microsoft Office Excel®, mediante a qual os dados foram tabulados. Logo após, foi realizada uma conferência a fim de verificar se os dados foram digitados corretamente. Com isso, verificou-se que 22 questionários haviam sido coletados e todos eles estavam corretos, sendo todos aptos para prosseguir com a investigação.

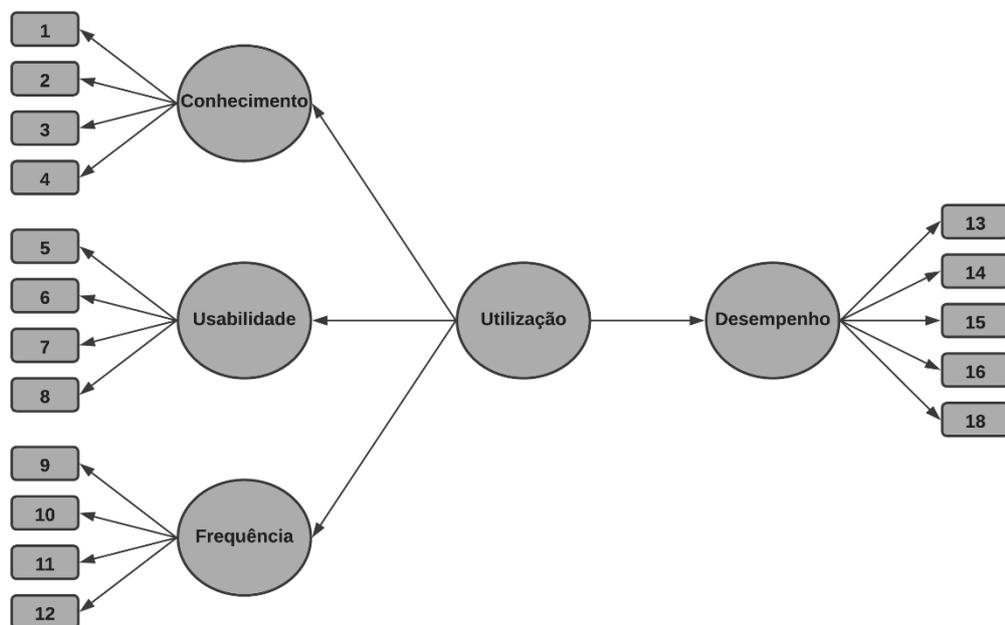
Posteriormente, iniciou-se a análise dos dados, e, para isso, a técnica de análise escolhida foi a Modelagem de Equações Estruturais (*Structural Equation Models* - SEM), a qual combina aspectos da análise fatorial com a regressão múltipla, permitindo o exame de forma simultânea de múltiplas relações de dependência e independência entre variáveis latentes por meio de variáveis observadas (HAIR JR; HULT; RINGLE; SARSTEDT, 2014). Através dessa técnica, foi possível constatar que o construto utilização é independente, ou seja, é

formado pelos subconstrutos de uso, usabilidade e frequência. Já o construto de desempenho é dependente, não sendo formado por outros subconstrutos.

Outra constatação, foi a verificação de que três variáveis (17, 19 e 20) tiveram comportamento que não se ajustava ao esperado para o construto. Os itens 19 e 20 já demonstravam ter problemas desde o momento da coleta dos dados, pois os respondentes sentiram certa dificuldade e/ou falta de conhecimento para responder os itens de forma adequada. Já o item 17 teve sua incompatibilidade constatada somente mediante a análise através do software. Diante dos fatos, os três itens foram removidos e os dados ajustados para o prosseguimento do estudo.

Além desta técnica, será também utilizado o modelo *Patch Models*, o qual faz o uso de diagramas para mostrar visualmente as hipóteses de pesquisa e a relação teórica entre variáveis (FLORES, 2021). Na Figura 1, observa-se o Modelo de Mensuração (denominado também de Modelo externo no método PLS-SEM) deste estudo, mediante o qual traz relações existentes entre os construtos (círculos) e as variáveis indicadoras (retângulos), (HAIR JR; HULT; RINGLE; SARSTEDT, 2014).

Figura 1 - Modelo de Mensuração



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Diante disso, foi optado previamente pela escolha do software SmartPLS em virtude da complexidade do modelo, ausência de normalidade multivariada dos dados, possibilidade de

que seja necessário a utilização de construtos com variáveis formativas e pela alta probabilidade de que a amostra seja pequena, sendo este último um dos principais motivos, já que o método PLS-SEM tem a capacidade de lidar com amostras reduzidas (FLORES, 2021).

3.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

Para que se torne possível reaplicar este estudo em outros cenários, ampliar seus limites em relação à delimitação ou substituir variáveis, é necessário que, além dos parâmetros metodológicos utilizados, ressalte-se também as limitações do método. Nesta pesquisa, as principais limitações do método de pesquisa estão relacionadas ao pouquíssimo número de estudos sobre o tema, acesso aos respondentes, limitações de acesso a dados restritos e ao uso de questionários.

O primeiro aspecto limitante destaca o fato de haver pouquíssimos estudos em relação aos objetivos específicos desta pesquisa, impossibilitando uma comparação maior em relação aos métodos utilizados para coleta e análise dos dados, bem como para discutir sobre os resultados obtidos, a fim de atingir a conclusão final. Além de, ao se tratar de Micro e Pequenas empresas, o estudo estar sujeito e não declaração de rendas existentes ou possíveis controles incorretos pelos gestores.

Outra limitação, compreende a dificuldade para conseguir os dados necessários para validar a pesquisa, visto que grande parte dos respondentes apresentaram difícil acesso para contato, em virtude de indisponibilidades de horários, possuir muitas demandas, desconhecimento da importância da pesquisa, e pela desconfiança de fornecimento de dados a terceiros, mesmo que todos os dados tenham sua responsabilidade assegurada e privacidade mantida.

Nos demais âmbitos, existem limitações jurídicas quanto a retirada de dados internos das entidades estudadas e de acesso aos mesmos de forma completa. Baseado nisso, a parceria com o software ERP local, sistema esse utilizado pelas empresas analisadas, trouxe a limitação de período, onde os dados que poderiam ser analisados seriam de apenas um único mês, novembro, em questão. Isso ocasionou uma grande variabilidade em alguns CNAES devido à proximidade de eventos festivos, como *Black Friday* e Natal, o que tornaria o estudo raso e sem uma realidade validada.

O último aspecto limitador do método é quanto à aplicação de questionários, podendo elencar como limitação o fato das respostas trazerem a percepção individual dos respondentes, mudando os resultados à medida que se apliquem em diferentes usuários da mesma

organização, ou ainda, em outras organizações. Além disso, há o risco de as respostas dos entrevistados serem subjetivas ou não verdadeiras, em relação às perguntas propostas no questionário.

Isso fez com que o estudo se mantivesse em um nível menos profundo do que o planejado e bastante baseado no perfil do empreendedor em questão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão contemplados os resultados encontrados na pesquisa, apresentando, inicialmente, a caracterização da amostra. Em seguida será a análise de componentes principais confirmatória (ACPC), seguida pelo modelo de mensuração e, por fim, pelo modelo estrutural.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Como já mencionado no capítulo 3.2, buscou-se o contato de Micro e Pequenas Empresas, do ramo do comércio e prestação de serviços, que fazem o uso do sistema ERP local empregado como base nesta pesquisa. Este procedimento resultou em 60 empresas selecionadas, das quais 22 responderam ao questionário de forma válida.

Tabela 1 - Caracterização das empresas

CNAE	%
Comércio atacadista de artigos de tapeçaria; persianas e cortinas	4,55%
Comércio atacadista de mármore e granitos	4,55%
Comércio por atacado de peças e acessórios novos para veículos automotores	4,55%
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	36,36%
Comércio varejista de artigos médicos e ortopédicos	9,09%
Comércio varejista de bebidas	4,55%
Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	4,55%
Comércio varejista de ferragens e ferramentas	4,55%
Comércio varejista de móveis	4,55%
Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática	4,55%
Fabricação de Esquadrias de Metal	4,55%
Fabricação de móveis com predominância de madeira	4,55%
Serviços de manutenção e reparação mecânica de veículos automotores	4,55%
Serviços de pré-impressão	4,55%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme a Tabela 1, a maioria das empresas são do ramo do comércio, sendo constituídas, principalmente, por varejistas do ramo de artigos de vestuário e acessórios, refletindo a representatividade destacada anteriormente por Sebrae (2022).

Tabela 2 - Enquadramento das empresas

Enquadramento	%
ME	90,91%
EPP	9,09%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já a Tabela 2, demonstra que mais de 90% das empresas participantes do estudo são enquadradas como Micro Empresas, uma representatividade muito superior ao outro grupo contemplado, o de Empresas de Pequeno Porte. Tal superioridade é evidenciada por Sebrae (2022), onde 81,60% das Micro e Pequenas Empresas em atividade no Brasil, no ano de 2022, enquadram-se como ME.

Tabela 3 - Dados dos respondentes

Cargo		Formação Acadêmica		Idade	
Dono/Sócio	77,27%	Gestão (Administração, Ciências Contábeis, Economia, etc.)	27,27%	Até 25 anos	18,18%
Coordenador/Diretor /Gerente	9,09%	Engenharias	22,73%	Entre 26 e 32 anos	36,36%
Colaborador	13,64%	Tecnologia	4,55%	Entre 33 e 39 anos	18,18%
		Outros	45,45%	Entre 40 e 46 anos	13,64%
				Acima de 47 anos	13,64%
Total	100%		100%		100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 3 mostra que a grande maioria dos respondentes está em cargo de dono/sócio, o que contribui para a pesquisa, tendo em vista que possuem acesso completo às informações. Além disso, a formação acadêmica dos mesmos é diversificada, ressaltando-se que o grupo denominado outros não contempla somente respondentes com ensino superior diferente dos especificados anteriormente, mas também com diferentes, e menores graus de instrução. Outrossim, a idade dos respondentes é variada, mas destaca-se a faixa etária entre 26 e 32 anos, o que torna o público alvo geralmente adepto a tecnologias e, por consequência, com maior facilidade na sua utilização.

Tabela 4 - Tempo de uso do ERP

Tempo de uso	%
Até 12 meses	54,55%
Entre 13 e 14 meses	27,27%
Entre 25 e 36 meses	9,09%
Entre 37 e 48 meses	4,55%
Acima de 49 meses	4,55%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já a Tabela 4, demonstra que de acordo com os respondentes, as empresas alvo da pesquisa, em sua maioria, utilizam o sistema ERP há um período médio de 12 meses, motivo esse associado a base de dados disponibilizada, pela empresa detentora do software ERP, ser recente.

4.2 ANÁLISE DE COMPONENTES PRINCIPAIS CONFIRMATÓRIA - ACPC

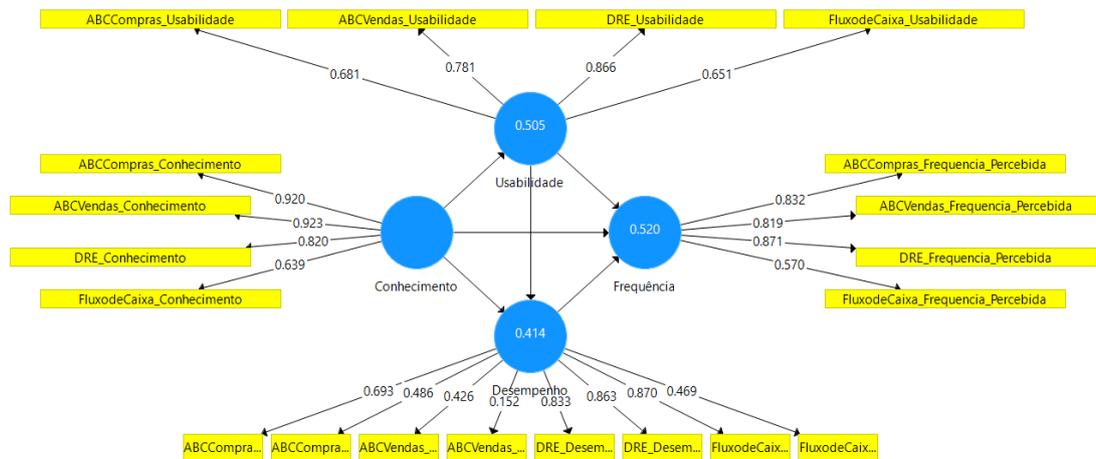
Neste capítulo, será realizada a avaliação das comunalidades, assim como os demais critérios de confiabilidade e validade dos construtos através da Análise de Componentes Principais Confirmatória (ACPC), individualmente por variável latente, no que representa a base para a montagem do modelo de medição (modelo interno), (FLORES, 2021).

A aplicação dessa análise foi realizada através do software SmartPLS3, o qual avalia, nesta etapa, a correlação entre as variáveis latentes, as cargas fatoriais das variáveis observáveis e a significância em cada um dos casos (valor-p), (FLORES, 2021).

4.2.1 Análise das Cargas Fatoriais e Significância das Variáveis

Perante as 20 variáveis apresentadas neste estudo, e adotando o critério elucidado por Hair Jr. *et al.* (2009) de que variáveis serão consideradas significantes quando essas obtiverem cargas fatoriais maiores que 0,45, pode-se constatar sobre cada um dos construtos, como exposto na Figura 2:

Figura 2 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (I)



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O Construto de Conhecimento não precisou de alterações e teve relevância, pois: ABC_Compras_Conhecimento, ABC_Vendas_Conhecimento e DRE_Conhecimento tiveram carga fatorial acima de 0,7. Ainda, Fluxo_Caixa_Conhecimento, com carga fatorial acima de 0,5, mostrou-se significativa de forma aceitável.

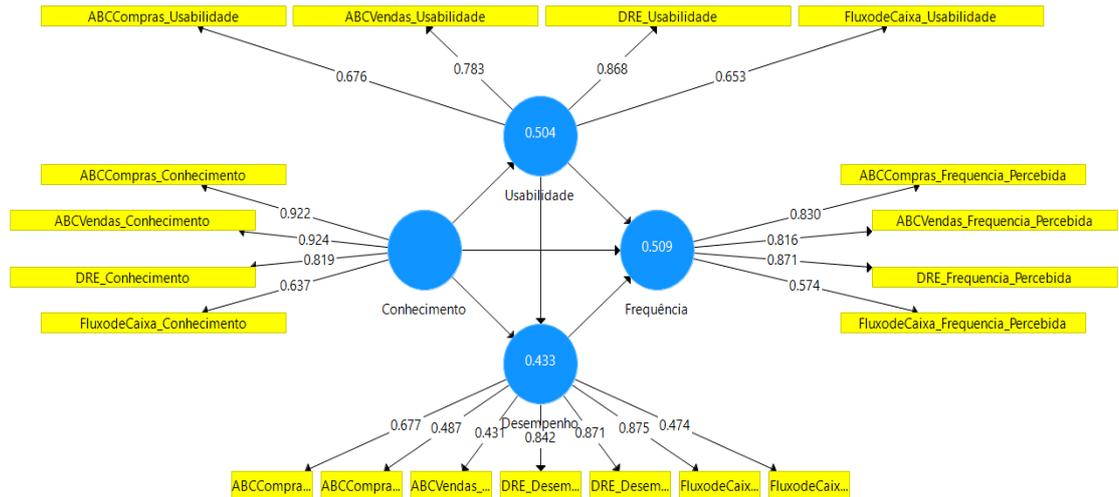
O Construto de Usabilidade também não precisou de alterações e teve relevância, pois: ABC_Vendas_Usabilidade e DRE_Usabilidade, apontaram carga fatorial acima de 0,7. Além de os demais, ABC_Compras_Usabilidade e Fluxo_de_Caixa_Usabilidade, apresentarem carga fatorial próxima a 0,66, acima do 0,5, o que torna o nível de relevância aceitável.

Da mesma forma, o Construto de Frequência não precisou de alterações e teve relevância, pois: ABC_Compras_Frequência_Percebida, ABC_Vendas_Frequência_Percebida e DRE_Frequência_Percebida apresentaram carga fatorial acima de 0,7. Tendo ainda, Fluxo_de_Caixa_Frequência_Percebida apresentado carga fatorial acima de 0,5, demonstrando aceitável relevância.

Já o Construto de Desempenho, diferente dos anteriores, precisou de alterações para comprovar sua relevância no estudo. Inicialmente contou com: DRE_DesempenhoPercebido_I, DRE_DesempenhoPercebido_II e FluxoCaixa_DesempenhoPercebido_I, todos com cargas fatoriais acima de 0,7. Ainda, ABC_Compras_DesempenhoPercebido_I com carga fatorial acima de 0,5. Já os demais, ABC_Compras_DesempenhoPercebido_II, ABC_Vendas_DesempenhoPercebido_I, ABC_Vendas_DesempenhoPercebido_II e Fluxo_de_Caixa_DesempenhoPercebido_II, todos com cargas fatoriais inaceitáveis, abaixo de 0,5.

Com isso, se analisou a retirada de algumas das variáveis como forma de aumento da significância geral do construto. Inicialmente foi retirada a variável de ABC_Vendas_DesempenhoPercebido_II, pois a mesma tinha a menor carga fatorial (0,152), ocasionando assim, uma melhora no desempenho do construto, como exposto na Figura 3:

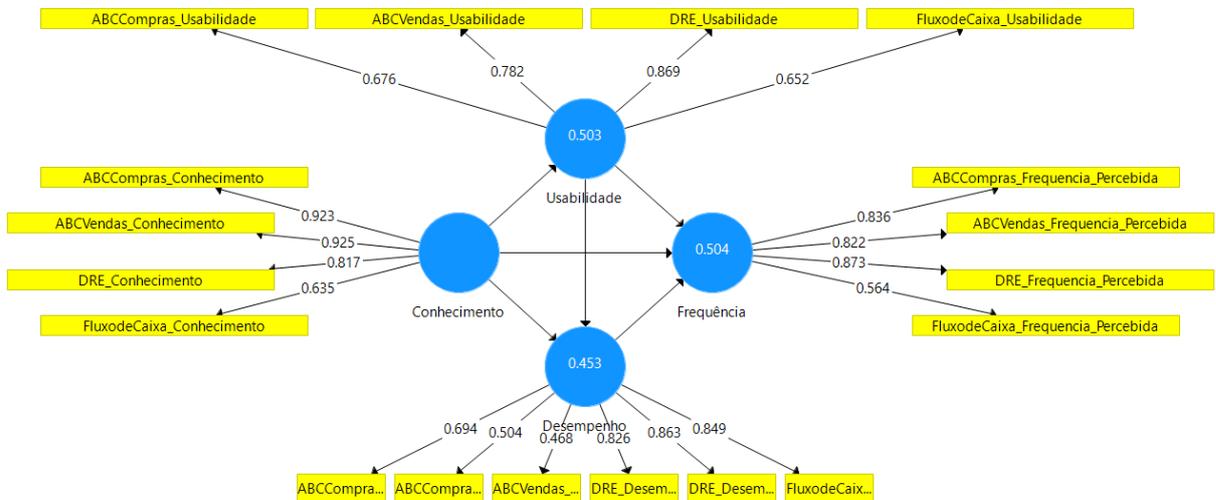
Figura 3 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (II)



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Após, foi retirada a variável Fluxo_de_Caixa_DesempenhoPercebido_II, pois a mesma tinha a segunda menor carga fatorial das restantes (0,474). Neste momento, foi preservada a menor carga fatorial, pois a mesma era relativa ao desempenho percebido nas vendas e, caso fosse retirada, deixaria o construto sem análise alguma dessa frente, como já fora retirada uma anteriormente. Com isso, o construto já iniciava a se caracterizar como aceitável, como exposto na Figura 4:

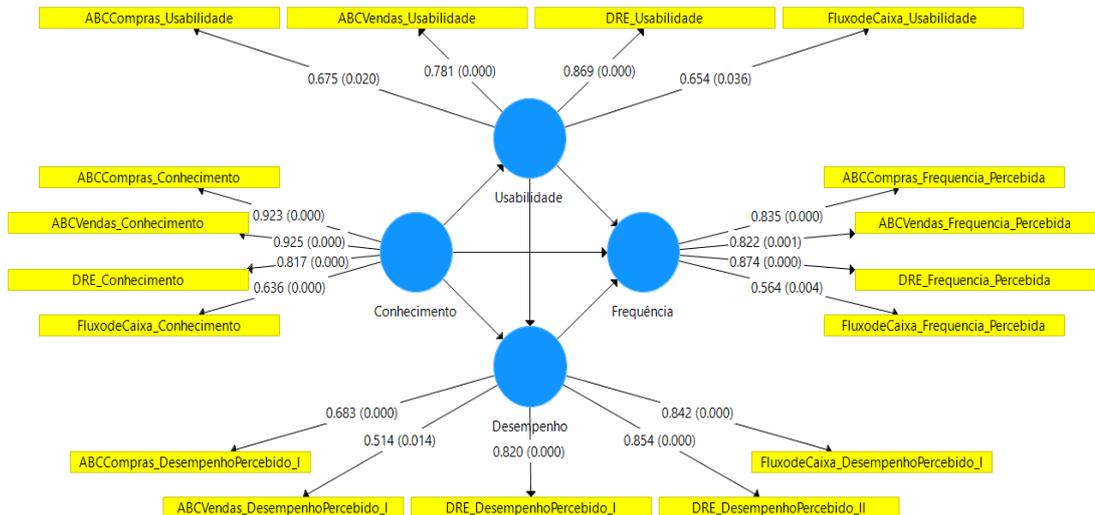
Figura 4 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (III)



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Entretanto, fez-se a necessidade de retirar mais uma das variáveis, pensando no aumento da relevância do construto. Para isso, foi retirada a variável ABC_Compras_DesempenhoPercebido_I, de carga fatorial 0,504, fazendo com que o construto tivesse real significância e, tornasse assim, o estudo aceitável.

Figura 5 - Cargas fatoriais e significância das variáveis (IV)



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Neste momento, as variáveis que se concretizaram no construto de desempenho, como exposto na Figura 5, foram: ABC_Compras_DesempenhoPercebido_I, com carga fatorial de 0,683 e ABCVendas_DesempenhoPercebido_I, com carga de 0,514, ambas consideradas aceitáveis. Além da DRE_DesempenhoPercebido_I, DRE_DesempenhoPercebido_II e

Fluxo_de_Caixa_DesempenhoPercebido_I, respectivamente com carga fatorial de 0,820, 0,854 e 0,842, todas consideradas de alta relevância.

Portanto, após os ajustes e como exposto na Figura 5, restaram 17 variáveis, todas com relevância e significância para o estudo.

4.2.2 ACPC Geral

Logo após, foi realizada a validação geral dos construtos para determinar-se quanto cada um convergia estatisticamente para um único conceito teórico (validade convergente) tanto quanto se diferenciava dos outros construtos (validade discriminante).

Tabela 5 - Validez Discriminante dos Fatores

Validez Discriminantes dos Construtos	1	2	3	4
1 – Conhecimento	0,834			
2 – Desempenho	0,685	0,754		
3 – Frequência	0,659	0,628	0,784	
4 - Usabilidade	0,710	0,449	0,409	0,750

Nota: Valores na diagonal são a raiz quadrada da AVE

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

De acordo com a análise da Tabela 5, é possível verificar que os construtos se diferenciam uns dos outros quando avaliados neste modelo de mensuração geral. Isso se justifica, pois neste tipo de avaliação, os valores da diagonal principal (raiz quadrada da variância média extraída de cada construto) devem ser maiores que os valores das correlações, além de ter valor individual superior a 0,70 (FORNELL; LARCKER, 1981).

Tabela 6 - Confiabilidade e Validez dos Fatores

Fiabilidade e Validez dos Construtos	1	2	3	4
Alfa de Cronbach	0,848	0,799	0,783	0,735
Rho_A	0,883	0,788	0,767	0,756
Fiabilidade Composta (>0,7)	0,899	0,865	0,861	0,835
Variância Média Extraída - AVE (>0,5)	0,695	0,569	0,614	0,562

Nota: Todas as correlações entre as Variáveis Latentes são significantes a 5%

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Segundo Fornell e Larcker (1981), os valores de variância média extraída acima de 0,50 indicam validade convergente adequada. Logo, nesta análise, mostra-se que todos os construtos tem variância média extraída superior ao padrão esperado, conforme exposto na Tabela 6.

Além disso, a Tabela 6 demonstra que o resultado também pode ser considerado confiável, já que todos os construtos se mostram bastante adequados apresentando confiabilidade composta com valores maiores que 0,70 (FORNELL; LARCKER, 1981).

Ainda, para estimar-se a medida de confiabilidade dos construtos foi utilizado o coeficiente Alfa de Cronbach. Este mede a correlação entre as respostas de um questionário por meio da análise do perfil das respostas dos respondentes, variando entre 0 e 1 (HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010). Com base na Tabela 5, observa-se que os valores das cargas padronizadas de cada dimensão, são superiores a 0,70 na apuração pelo Alfa de Cronbach, significando que os valores são aceitáveis (HAIR *et al.*, 2009).

Por último, para realizar a mensuração da associação entre os construtos utilizou-se a análise da Correlação de Spearman. O Coeficiente de Correlação de Spearman varia de -1 até +1, onde valores próximos a +1 indicam pouca dispersão, expressando uma correlação forte e positiva; e valores próximos a “zero” indicam muita dispersão e ausência de relação entre as variáveis. Ainda, por fim, quando o coeficiente aproxima-se de -1 significa pouca dispersão e uma correlação negativa forte (LOPES, 2016). Conforme a Tabela 6, todos os valores apresentados são superiores a 0,70, o que indica uma correlação positiva forte e com pouca dispersão (HULLEY *et al.*, 2003).

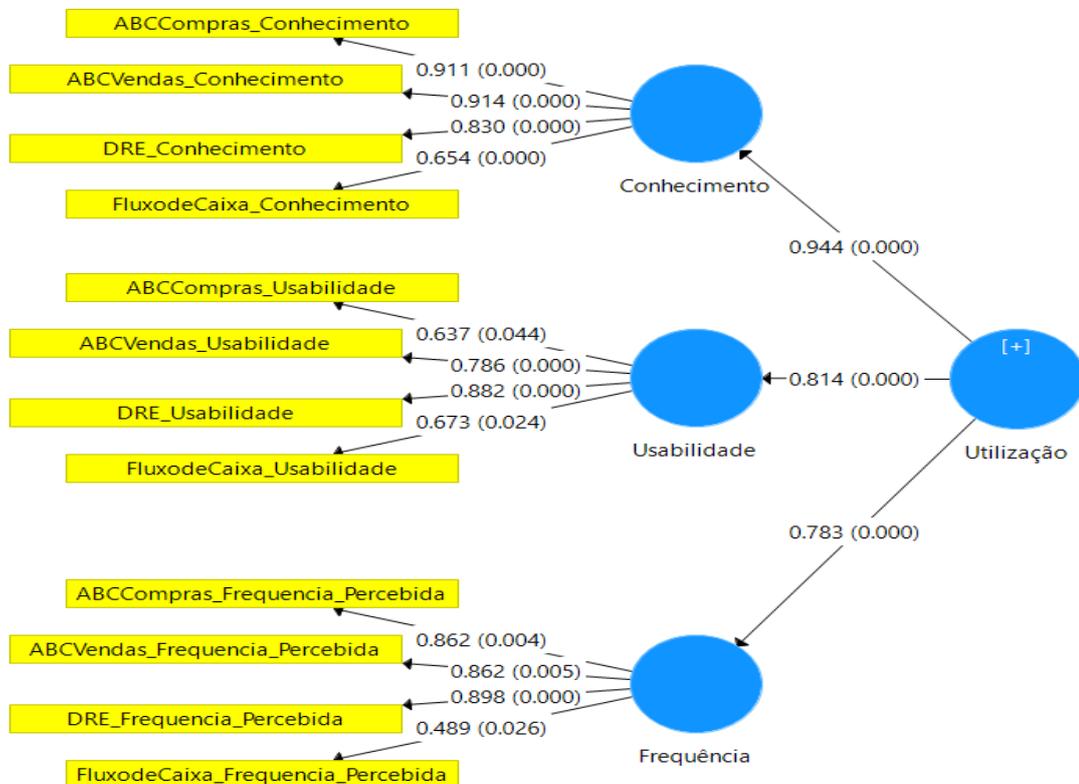
4.3 MODELO DE MENSURAÇÃO

Partindo dos resultados do capítulo 4.2, neste momento, os subconstrutos serão avaliados quanto a sua capacidade estatística de mensurar os conceitos teóricos dos construtos superiores.

4.3.1 Modelos de Caminhos (*Path Models*)

O modelo de caminhos expõe os indicadores, representados por retângulos amarelos; os construtos de 1ª ordem, representados por círculos azuis ligados aos indicadores; e os construtos de 2ª ordem, igualmente representados por círculos azuis ligados aos construtos de 1ª ordem. Cada um desses construtos, apresenta suas cargas fatoriais, as quais são expostas mediante valores sobre as setas e fora do parêntese, e o seu nível de significância, evidenciado por valores sobre as setas e dentro do parêntese. Os construtos de 2ª ordem, neste estudo, carregam consigo todos os indicadores que formam o seu conceito desde o início do caminho.

Figura 6 - Modelo de caminhos: Utilização



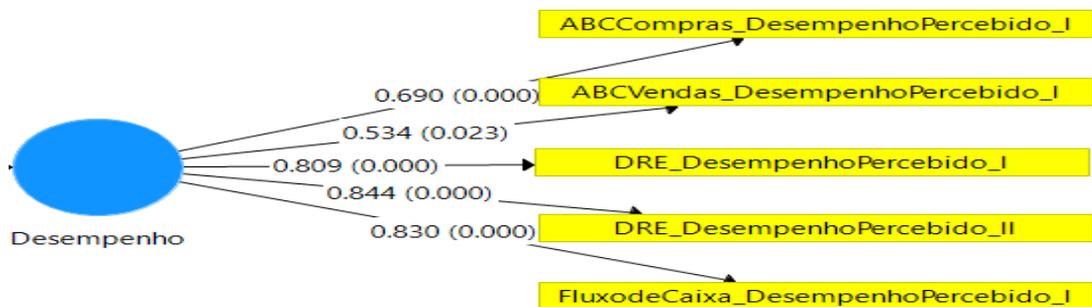
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 6 mostra os caminhos que os conceitos percorrem até a formação de um dos dois construtos principais, que remete a utilização de relatórios gerenciais por parte de usuários de Micro e Pequenas Empresas. Logo, constata-se que o construto de 2ª ordem (utilização) apresenta cargas fatoriais altas ($>0,70$) com os demais construtos de 1ª ordem (conhecimento, usabilidade e frequência), além de possuir elevado nível de significância estatística ($p<0,05$).

O construto de 1ª ordem (conhecimento) expõe cargas fatoriais altas com todas as suas quatro variáveis, com exceção da variável sobre conhecimento do fluxo de caixa, a qual mantém uma carga fatorial adequada ($>0,50$). Mesmo assim, todas possuem um elevado nível de significância estatística. Já o construto usabilidade (1ª ordem) apresenta cargas fatoriais adequadas para todas as quatro variáveis, e, da mesma forma, um nível de significância dentro do adequado.

Por último, o construto de 1ª ordem (frequência) exhibe cargas fatoriais altas para três variáveis, exceto para a de percepção do fluxo de caixa, que apresenta carga fatorial baixa. Porém, todas as quatro variáveis elencadas apresentam um nível de significância estatística satisfatório.

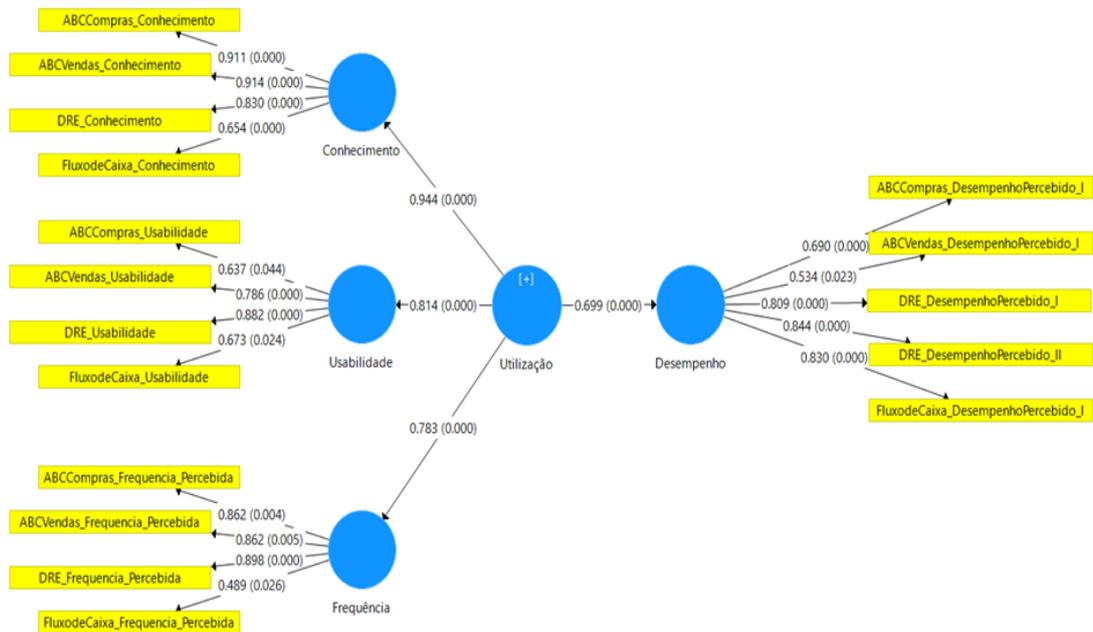
Figura 7 - Modelo de caminhos: Desempenho



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 7 mostra a relação do segundo construto principal, o qual representa a percepção de desempenho de Micro e Pequenas Empresas por parte dos usuários, com suas variáveis. Logo, constata-se que as cargas fatoriais evidenciadas são adequadas, exceto a relacionada com a variável que analisa o desempenho percebido do relatório de ABC de vendas, a qual apresenta uma carga fatorial abaixo do nível satisfatório. Mesmo assim, todas as relações apresentam um nível de significância estatística convincente.

Figura 8 - Modelo de caminhos: Completo



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Por fim, a Figura 8 mostra os caminhos que os subconstrutos percorreram até a formação dos dois construtos principais, os quais evidenciam a relação entre a utilização de relatórios gerenciais e o desempenho percebido pelos usuários de Micro e Pequenas Empresas. Esses dois construtos relacionam-se através de uma carga fatorial e um nível de significância estatística considerada alta. Todos os indicadores são válidos e confiáveis individualmente, conforme visto no capítulo de Análise de componentes principais confirmatória, e as Figuras 6 e 7, comprovam que as cargas fatoriais apresentam valores e níveis de significância adequados.

4.3.2 Validação do Modelos de Caminhos (*Patch Models*)

Diante da análise do modelo de caminhos de cada construto individualmente, é necessária a avaliação do conjunto completo de informações quanto à validade discriminante, validade convergente, confiabilidade composta e nível de significância dos construtos principais quando todas as variáveis são inseridas no modelo de mensuração.

Tabela 7 - Validez Discriminante

Validez Discriminantes dos Construtos	1	2	3	4
1 – Conhecimento	0,834			
2 – Desempenho	0,681	0,750		
3 – Frequência	0,627	0,604	0,796	
4 - Usabilidade	0,726	0,446	0,384	0,751

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Conforme análise da Tabela 7, pode-se concluir que todos os construtos se diferenciam dos demais, pois a diagonal principal apresenta valores superiores a 0,70 e maiores em relação às demais correlações (validade discriminante).

Tabela 8 - Confiabilidade e Validez

Fiabilidade e Validez dos Construtos	1	2	3	4
Alfa de Cronbach	0,848	0,799	0,783	0,735
Rho_A	0,871	0,783	0,791	0,768
Fiabilidade Composta (>0,7)	0,900	0,863	0,868	0,835
Variância Média Extraída - AVE (>0,5)	0,695	0,563	0,633	0,563

Nota: Todas as correlações entre as Variáveis Latentes são significantes a 5%

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Já pela Tabela 8 conclui-se que todos os construtos apresentam valores de variância média acima de 0,50, indicando um nível de validade convergente adequada. Os mesmos podem ser considerados confiáveis, pois a confiabilidade composta demonstra valores acima de 0,80 para todos os quatros construtos, ou seja, acima do adequado.

Além disso, o coeficiente Alfa de Cronbach remete valores superiores a 0,70, tornando-os aceitáveis segundo este teste. E por fim, pode-se concluir que os construtos expressam uma correlação positiva forte e com pouca dispersão, em virtude da análise da Correlação de Spearman apresentar valores próximos a +1.

Destaca-se a opção pela não apresentação nas Tabela 7 e 8 do construto de utilização. Embora esse construto de 2ª ordem tenha apresentado valores adequados em relação a análise

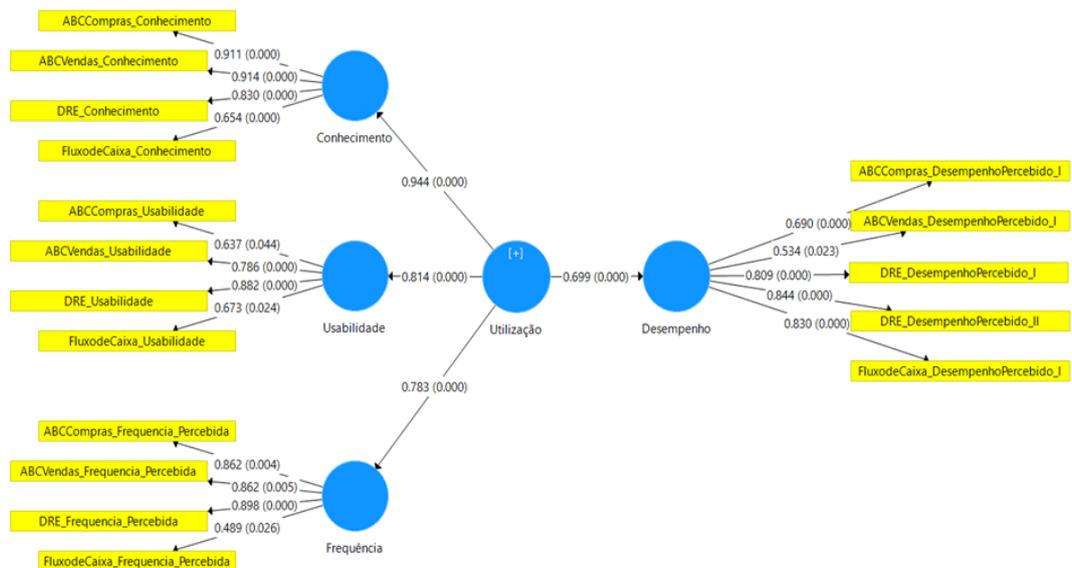
da confiabilidade composta e da variância média extraída-AVE, este não apresentou um nível de validade discriminante aceitável.

4.4 MODELO ESTRUTURAL

4.4.1 Avaliação dos Resultados do Modelo Estrutural

Analisou-se até o momento a confiabilidade de os indicadores (variáveis observáveis) medirem conceitos teóricos (variáveis latentes) com validade e significância estatística, e da mesma forma, os construtos de 1ª e 2ª ordem. Nesta seção, o objetivo será de avaliar o modelo estrutural, ou seja, estabelecer se existem relações significantes entre os construtos, o tamanho do seu efeito e, ainda, qual o percentual da variância explicada dos construtos dependentes.

Figura 9 - Modelo Estrutural



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 9 mostra o modelo estrutural com suas devidas cargas fatoriais e significância. Nota-se que todos os indicadores, gerados de construtos e subconstrutos, mas tratados como se fossem variáveis observáveis, apresentam cargas fatoriais adequadas e significância estatística, ambas já validados em etapas anteriores.

Tabela 9 - Avaliação do modelo estrutural

Efeitos totais	R²	R² Ajustado	f²
Utilização -> Desempenho	0,890	0,885	0,953

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A avaliação do modelo estrutural, de acordo com a Tabela 9, indica que a relação direta entre a utilização de relatórios gerenciais e o desempenho percebido pelos usuários das empresas suporta a hipótese da pesquisa com significância estatística. Logo, vai ao encontro do proposto por Mendes e Escrivão Filho (2002), de que os softwares ERPs apresentam vantagens que comprovam o diferencial que uma ferramenta de gestão garante à empresa, ou seja, a utilização conjunta de ferramentas presentes no programa, tende a aumentar a performance da entidade positivamente. Portanto, comprova-se que realmente os usuários que utilizam relatórios gerenciais emitidos pelo Alpha ERP tendem a ter uma maior percepção de desempenho.

De acordo com Cohen (1988), o percentual de variância explicada (R^2) apresenta valores de referência para as ciências sociais e comportamentais de que $R^2 = 2\%$ como de efeito pequeno, $R^2 = 13\%$ como de efeito médio e $R^2 = 26\%$ como de efeito grande. Logo, está análise concluiu que a utilização de relatórios gerenciais pelos usuários explica 89% o aumento da percepção de desempenho, o que é considerada uma porção alta de explicação. Tal representatividade pode ser explicada por Cruz (2011), pois o sistema ERP permite que dados contábeis e financeiros sejam acessados facilmente, dispondo o gestor de informações claras e relevantes para a tomada de decisão.

Já o tamanho do efeito (f^2) é explicado como quanto cada construto contribui para o ajuste do modelo, e segundo Cohen (1988), 0,02 é considerado um efeito pequeno, 0,15 um efeito médio e 0,035 um efeito grande. Em relação ao efeito do construto de utilização sobre o construto de desempenho foi considerado grande (0,953). Esse efeito, pode ser explicado justamente pela capacidade do software prover informações úteis, fidedignas e a tempo hábil para os gestores das empresas, salientando ainda mais a importância de conciliar o uso da tecnologia no dia a dia das entidades (MENDES; ESCRIVÃO FILHO, 2002).

Isto posto, encerra-se o capítulo de resultados e, na sequência, é apresentada a conclusão do estudo resgatando-se o problema de pesquisa, os objetivos (geral e específicos), além de ilustrar as contribuições, limitações e sugestões para estudos futuros.

5 CONCLUSÃO

Este estudo defendeu a hipótese de que existe relação entre o grau de conhecimento, por parte de gestores de Micro e Pequenas Empresas, com a utilização de relatórios gerenciais e a percepção de evolução do desempenho da entidade. Com o intuito de sustentar essa presunção, foram traçados três objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico buscou analisar a percepção dos gestores quanto ao desempenho da empresa. Portanto, buscou-se definir quais os indicadores básicos de desempenho que são e podem ser utilizados pelos gestores de Micro e Pequenas Empresas, visando a tomada de decisão. Para isso, entendeu-se necessário analisar a utilização dos relatórios de Fluxo de Caixa, ABC de Produtos Comprados, ABC de Produtos Vendidos e Demonstração do Resultado do Exercício. Essa definição ocorreu devido à facilidade de acesso dentro da ferramenta gerencial, assim como à simplicidade de entendimento dos mesmos.

Partindo desde primeiro objetivo específico, aprofundou-se a análise dentro de um segundo objetivo, no qual se buscou analisar a percepção dos gestores quanto à utilização de relatórios gerenciais na empresa. Para isso, primeiramente, procurou-se validar o conhecimento técnico desses usuários, e, para isso, foi capturada informação nas seguintes áreas: financeira, de estoque, de vendas e resultados operacionais.

Já, em um segundo momento, aprofundou-se a análise mediante a utilização destes relatórios gerenciais definidos, por parte dos usuários da informação dentro da entidade. Neste momento, buscou-se apurar uma real utilização desses relatórios para a tomada de decisão dos gestores. Deste modo, comprovou-se que dentro dessas quatro grandes áreas, gestores de Micro e Pequenas Empresas, sim, utilizam relatórios gerenciais com o intuito de auxiliar na tomada de decisões e ter maior controle entre os setores da organização, fazendo assim com que entendam e evoluam o desempenho das mesmas.

Por fim, no terceiro objetivo específico foi analisada a relação entre a utilização da ferramenta de informação integrada, o sistema ERP, que foi o foco do estudo, e a percepção de evolução de resultados e desempenho das entidades por parte do usuário da informação. Nesta etapa, foi notório, com a aplicação de questionários, que empreendedores que têm um maior grau de conhecimento dessas ferramentas e as utilizam de forma recorrente, enxergam uma curva ascendente de resultado e desempenho, a partir do fácil acesso aos números da organização e facilidade para a tomada de decisão.

O estudo, portanto, foi elaborado para confirmar de forma válida o objetivo geral, bem como aplicar os objetivos específicos. Ele traçou quatro construtos de primeira ordem

relacionados à percepção do gestor: conhecimento, frequência, usabilidade e desempenho. Esses três primeiros construtos formam o construto de segunda ordem denominado utilização.

Logo, após coleta e análise da amostra estatística, foi verificado através de testes no software SmartPLS3 que os dois construtos principais, utilização e desempenho, se relacionam entre si com significância estatística e possuem um poder de explicação alto. Diante disso, conclui-se que quanto maior a utilização dos relatórios gerenciais por parte dos gestores, maior a sua percepção de desempenho diante da empresa administrada por eles.

Com base nisso, o presente estudo expressa duas contribuições principais, tanto de cunho acadêmico, quanto profissional. A primeira, no ramo acadêmico, se expressa pela grande contribuição com essa base de conhecimento e disponibilidade do estudo para versões futuras com maior diversidade de públicos e de ferramentas estudadas. Isto porque, entendeu-se o pouco número de estudos e pesquisas que contemplem o impacto do uso de softwares de gestão nas Micro e Pequenas Empresas, focado na melhora no desempenho percebido por parte de seus gestores. O que também enfatiza a autenticidade deste trabalho.

Ainda mais, vale-se aprofundar os estudos, pois ao validar o modelo, verificou-se que realmente os gestores que utilizam relatórios gerenciais emitidos pelo sistema ERP abordado na pesquisa, tendem a ter uma maior percepção de desempenho em relação a empresa.

Já a segunda contribuição, trata-se em discutir sobre o uso de sistemas ERPs visando o processo decisório dentro das empresas. Logo, evidenciou-se através do estudo, que gestores realmente fazem o uso das informações presentes no software, mediante relatórios gerenciais, e utilizam-nas para a tomada de decisões dentro das entidades. Isto, mostrando que, inclusive ao mercado de sistemas de gestão, interessa aprofundar essa discussão para expressar a todas as empresas que surgem têm uma real necessidade das informações oriundas destes softwares e, sim, existe uma interferência com o resultado.

Quanto às limitações para a realização da pesquisa, destaca-se a dificuldade na obtenção de respostas através do questionário, tendo em vista que os respondentes apresentaram difícil acesso para contato, demonstrando indisponibilidade de horários, possuírem muitas demandas, desconhecerem a importância da pesquisa, e não desejarem disponibilizar seus dados e os da empresa para terceiros.

Além disso, outra limitação diz respeito à retirada de dados internos das entidades contatadas, por parte da empresa detentora do software local, em virtude de limitações jurídicas principalmente. Logo, os dados disponibilizados foram de somente um mês, acarretando em grande variabilidade dos CNAES e com isso impedindo o andamento de uma parte do estudo.

Outrossim, a última limitação é representada pelo tamanho da amostra, na qual foram obtidas somente 22 respostas válidas, impossibilitando estabelecer uma maior abrangência e representação do resultado obtido no estudo. Do mesmo modo, a maioria dos gestores questionados informaram que utilizam o software por um período máximo de um ano, ou seja, tempo relativamente curto em relação a obtenção de experiência sobre o uso do sistema.

Frente aos argumentos apresentados, como sugestão para trabalhos futuros tem-se a execução de um estudo com uma amostra superior, procurando-se contatar gestores que utilizam o sistema ERP há mais tempo. Além disso, buscando obter os dados das empresas contatadas, com a empresa detentora do software local, por um período mínimo de seis meses, ocasionando assim menor variabilidade e, por consequência, o prosseguimento e avanço da pesquisa.

Outro ponto, seria a utilização de novos construtos avaliados por autores diferentes dos utilizados, como também, o estabelecimento de novos testes estatísticos para mensurar as relações entre as temáticas investigadas, com o intuito de mostrar ainda mais a validação e resultado gerado no estudo.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, Marcelo Rodrigues. **O uso do fluxo de caixa como ferramenta estratégica nas micro e pequenas empresas**. 2003. Dissertação (Pós-Graduação em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30366473.pdf> . Acesso em: 19 jun. 2022.
- BALLOU, Ronald H. **Logística Empresarial: Transportes, Administração de Materiais e Distribuição Física**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BARDI el al. Sistemas de informação logística: o papel estratégico da alta administração. **Jornal de Logística Empresarial**, [S.I.], v. 15, n. 1, p. 71-85, 1994. Disponível em: https://en.wikibooks.org/wiki/Handbook_of_Management_Scales/Comparative_organizational_performance. Acesso em: 20 out. 2022.
- BELO, Marina Emanuelli. **Evasão fiscal em micro e pequenas empresas: reflexões sobre o comportamento empreendedor**. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2019. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4710/5/CT_PPGA_M_Belo%2C_Marina_Emanuelli_2019.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.
- BERTOLETTI, J. V. M. A importância de uma boa gestão financeira nas empresas. **Revista InterAtividade**, Andradina, v. 3, n. 1, p. 79-89, 2015. Disponível em: <http://www.firb.br/editora/index.php/interatividade/article/view/153>. Acesso em: 04 jun. 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 jun. 2022.
- _____. Lei Complementar n. 123, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 dez. 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm. Acesso em: 04 jun. 2022.
- _____. Lei n. 11.638, de 28 de dezembro de 2007. Dispõe sobre a Elaboração e Divulgação de Demonstrações Financeiras. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 28 dez. 2007. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11638.htm. Acesso em: 03 jul. 2022.
- _____. Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 ago. 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 27 jun. 2022.
- _____. Lei n. 6.404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre a Sociedade por Ações. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 dez. 1976. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6404consol.htm. Acesso em: 03 jul. 2022.

COHEN, J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. 2. ed. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988.

COSTA, J. A. B. da; DRUMOND, A. M. A gestão financeira em micro e pequenas empresas no município de Valença/RJ. *In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA*, 17., 2016, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: CEFET, 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos20/363047.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

CRUZ, Vera Lúcia. **Avaliação de benefícios de pós-implantação de sistemas ERP no fornecimento de informação contábil, financeira e operacional em empresas de pequeno e médio porte da região metropolitana de Recife**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/5098/1/arquivo2735_1.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

DAHER, Denilson da Mata *et al.* As micro e pequenas empresas e a responsabilidade social: uma conexão a ser consolidada. *In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA*, 9., 2012, Rio de Janeiro, **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/54716865.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

DETRIACHI FILHO, Edson; SANTOS, Fernando de Oliveira. Dificuldades na Implantação do Sistema ERP em Empresa de Médio Porte: um Estudo de Caso. **REGRAD: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, Marília, v. 8, n. 1, p. 26-50, Ago. 2015. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/823/402>. Acesso em: 05 jun. 2022.

DIAS, Marco Aurélio P. **Administração de materiais: princípios, conceitos e gestão**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FELIX, Gabriela Lima; DIAS, Tays Cardoso. Demonstração do Resultado do Exercício e suas Contribuições para o Ambiente Corporativo. **Id On Line Rev. Mult. Psic**, Vitória da Consquista, v. 13, n 43, p. 828-844, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1498/2289>. Acesso em: 05 jun. 2022.

FERNANDES, Renato Borges. Impacto da utilização de sistemas de ERP em dimensões estratégicas de pequenas e médias empresas. **Revista Exacta**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 57-74, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/810/81050129005.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

FLORES, Jéferson de Souza. **Integração Vertical: Informações da contabilidade de gestão como suporte à tomada de decisão**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, RS, 2021. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9854/J%c3%a9ferson%20de%20Souza%20Flores_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 jan. 2023.

FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v. 18, n. 1, p. 39-50, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3151312>. Acesso em: 16 jan. 2023.

GELBCKE, Ernesto R. *et al.* **Manual de Contabilidade Societária**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

GERMANO, Pedro Henrique. **A importância dos relatórios gerenciais para tomada de decisões na percepção dos gestores da Tec Agro**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis) – Universidade de Rio Verde, Rio Verde, GO, 2016.

Disponível em:

<https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/A%20IMPORTANCIA%20DOS%20RELATORIOS%20GERENCIAS%20NA%20PERCEPCAO%20DOS%20GESTORES%20DA%20TEC%20AGO.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. E-book.

GONÇALVES, Andressa Cristina Pardiniho; SANTOS, Sara Caetano Ribeiro dos; ACUÑA, Benjamim Cristobal Mardine. Demonstração do Resultado do Exercício e Demonstração dos Fluxos de Caixa: um estudo quanto a acessibilidade em empresa de pequeno porte. **Revista de Ciências Contábeis**, Rondonópolis, v. 10, n. 20, p. 37-51, Jul/Dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic/article/view/9842>. Acesso em: 05 jun. 2022.

HAIR JR, J. F.; HULT, G. T. M.; RINGLE, C. M.; SARSTEDT, M. **A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)**. [S.l.]: Sage Publications, 2014.

_____; BLACK, W. C.; BABIN, B.; ANDERSON, R. E.; TATHAN, R. L. **Análise multivariada de dados**. Tradução A. Sant'Anna. 6 ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

HORA, H. R. M. da; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente de Alpha de Cronbach. **Revista Produto & Produção**, v. 11, n. 2, p. 85-103, jun. 2010.

HULLEY, S. B.; CUMMINGS S. R.; BROWNER, W. S.; GRADY, D.; HEARST, N.; NEWMAN, T. B. **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. 2 Ed. Porto Alegre: Editora Artmed; 2003

LEMES JÚNIOR, A. B.; RIGO, C. M.; CHEROBIM, A. P. M. S. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras**. 2. ed. [S.I.]: ELSEVIER, 2005.

LOPES, L. F. D. **Métodos quantitativos**. 1. ed. Universidade Federal de Santa Maria. 2016.

MAINARDES, Christiane Wagner et al. Análise dos impactos da utilização do ERP nos processos organizacionais de empresas de construção civil. **Revista Engenharia e Construção Civil**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 78-95, Jan/Jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recc/article/view/6609/4260>. Acesso em: 20 out. 2022.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Aliomar Lino *et al.* Abordagens de Estabelecimento de Preços e Modelos de Markup. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 28., 2021, [S.I], **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, 2021. Disponível em:
<https://anaiscbc.abcustos.org.br/anais/article/view/4835/4849>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MENDES, Juliana Veiga; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Atualização tecnológica em pequenas e médias empresas: proposta de roteiro para aquisição de sistema integrados de gestão (ERP). **Revista Gestão & Produção**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 281-293, Mai/Ago. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/gp/a/SWvRcXjWtjQZYLfP9BngmQF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2022.

_____. Sistemas integrados de gestão ERP em pequenas empresas: um confronto entre o referencial teórico e a prática empresarial. **Revista Gestão & Produção**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 277-296, Dez. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/gp/a/GmLSKVc7dpRYdBhtbChHDcv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MONTEIRO, Kattlyn Fernanda dos Santos Silva; PARRA, Ana Carolina Renesto. A importância sobre o desenvolvimento e planejamento da demonstração do fluxo de caixa para micro e pequenas empresas. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 19., 2019, São Paulo, **Anais Eletrônicos** [...]. São Paulo, 2019. Disponível em:
<https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2019/trabalho-1000004234.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

NÉLO, Ana Maria. **Decisão de Mix de Produtos Comparando a Teoria das Restrições o Custeio Baseado em Atividades e o Modelo Geral com a Utilização de Custos Discricionários**. 2008. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Ana-Maria-Nelo/publication/317182862_Enter_titleDecisao_de_mix_de_produtos_comparando_a_teorias_restricoes_o_custeio_baseado_em_atividades_e_o_modelo_geral_com_a_utilizacao_de_custos_discricionarios/links/592b7214a6fdcc44435b1393/Enter-titleDecisao-de-mix-de-produtos-comparando-a-teoria-das-restricoes-o-custeio-baseado-em-atividades-e-o-modelo-geral-com-a-utilizacao-de-custos-discricionarios.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

NEVES, José Manoel Souza das; SANTOS, Fernando César Almada. Implantação de Tecnologias da Informação Utilizadas na Integração Entre o Chão de Fábrica e os Sistemas ERP. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 27., 2007, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. Foz do Iguaçu, 2007. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Jose-Neves-20/publication/321149590_Implantacao_de_tecnologias_de_informacao_utilizadas_na_integracao_entre_o_chao-de-fabrica_e_os_sistemas_ERP/links/5c80407992851c69505c6829/Implantacao-de-tecnologias-de-informacao-utilizadas-na-integracao-entre-o-chao-de-fabrica-e-os-sistemas-ERP.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

OMIE. **O que é integração contábil e porque você precisa aderir**. São Paulo, SP, 2022. Disponível em: <https://blog.omie.com.br/blog/integracao-contabil-vantagens-para-empresas-e-contadores>. Acesso em: 02 ago. 2022.

OYADOMARI, José Carlos Tiomatsu *et al.* **Contabilidade Gerencial: ferramentas para melhoria de desempenho empresarial**. 1. ed. São Paulo: Gen; Atlas, 2018.

PADILHA, Thais Cássia Cabral; MARINS, Fernando Augusto Silva. Sistemas ERP: características, custos e tendências. **Revista Produção**, São Paulo, v. 15, n.1, p. 102-103, Jan/Abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/cV6H5xKGLrQqR9mjS8N4Kxn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2022.

PADOVEZE, Clovés Luís. **Sistemas de informações contábeis: fundamentos e análise**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

_____. **Contabilidade Geral: Facilitada**. 1. ed. [S.I.]: Editora: GEN - Método, 2017.

PEREIRA, Moacir. O Uso da Curva ABC nas Empresas. **Unicap**. [S.I.], 1999. Disponível em: http://www.unicap.br/salesvidal/arquivos_logistica/USO_DA_CURVA_ABC.doc. Acesso em: 05 jun. 2022.

POZO, Hamilton. **Administração de recursos materiais e patrimoniais: uma abordagem logística**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Avaliação do impacto dos sistemas ERP sobre variáveis estratégicas de grandes empresas no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 09-34, Jan/Mar. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/MhrBC7F4BqqX9W3BgH4P5TN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Aldemar de A. *et al.* Uma Abordagem sobre Custos de Sistemas Integrados de Gestão Empresarial (Sistema ERP). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 7., 2000, Recife, **Anais eletrônicos** [...]. Recife, 2000. Disponível em: <https://anaiscbc.abcustos.org.br/anais/article/view/3087/3087>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SANTOS, Ednilton Araújo dos *et al.* **Estudo da viabilidade da implantação do sistema ERP em uma empresa de pequeno porte**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Logística) - Centro Estadual de Educação Tecnologia Paula Souza, Bernardino de Campos, SP, 2021. Disponível em: http://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/7652/1/logistica_2021_2_edniltonaraujodossantos_estudodaviabilidadeaimplantacaodosistemaerpemumaempresadepequenoporte.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

SANTOS, Pedro Vieira Souza *et al.* Um estudo acerca da sobrevivência de micro e pequenas empresas (MPEs). In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO, 8., 2018, Juazeiro, **Anais eletrônicos** [...]. Juazeiro: UNIVASF, 2018.

Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-a22d65bb67c7b2d9305a9c470baa0ec45b3f000f-arquivo.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SEBRAE. **A importância dos softwares de gestão no varejo de moda**. Brasília, 2016.

Disponível em:

[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/2fc6baf46491b43543c4c291f3eba571/\\$File/7134.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/2fc6baf46491b43543c4c291f3eba571/$File/7134.pdf). Acesso em: 19 jun. 2022.

_____. **Atlas dos pequenos negócios**. Brasília, 2022. Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2022/07/Atlas-pequenos-negocios-sebrae.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2022.

_____. **Causa Mortis: o sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros cinco anos de vida**. Brasília, 2014. Disponível em:

[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/\\$File/5712.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/$File/5712.pdf). Acesso em: 02 ago. 2022.

_____. **Perfil das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte**. Brasília, 2018.

Disponível em:

<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RO/Anexos/Perfil%20das%20ME%20e%20EPP%20-%202004%202018.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SILVA, Helen Castro; MATTA, Rodrigo Octávio Beton. Em Busca de um Modelo de Comportamento Informacional de Usuários de Informação Financeira Pessoal. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/180960>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SILVA, Kátia Beatriz Amaral da; MADEIRA, Geová José. Gestão dos estoques e lucro da empresa. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS*, 11., 2004, Porto Seguro. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em:

<https://anaiscbc.abcustos.org.br/anais/article/view/2402/2402>. Acesso em: 05 jun. 2022.

SOUZA, Cezar Alexandre de; SACCOL, Amarolinda Zanela. **Sistemas ERP no Brasil (Enterprise Resource Planning): teoria e casos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SOUZA, Flávio R. C. *et al.* Gerenciamento de Dados em Nuvem: Conceito, Sistemas e Desafios. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS COLABORATIVOS*, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em: http://200.17.137.109:8081/novobsi/Members/josino/fundamentos-de-banco-de-dados/2012.1/Gerenciamento_Dados_Nuvem.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016. *E-book*.

VIEIRA, S. A.; RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Relatórios contábeis gerados pela controladoria para o controle de gestão: um estudo de caso em uma empresa de construção civil. **Revista Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 23, p.44-50, fev/abr. 2004. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/pensarcontabil/article/view/2329>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WALSH, Gianfranco; BEATTY, Sharon E. Reputação Corporativa baseada no cliente de uma empresa de serviços: desenvolvimento e validação de escala. **Jornal da Academia de Ciências de Marketing**, [S.I.], v. 35, n. 1, p. 127-143, 2007. Disponível em: https://en.wikibooks.org/wiki/Handbook_of_Management_Scales/Reliable_and_financially_s trong_company. Acesso em: 20 out. 2022.

ZILLI, Nicole. **Os impactos da implantação de um sistema ERP na gestão de uma empresa de prestação de serviço e comércio**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/5446/1/Nicole%20Zilli.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Apresentação

Nós somos Carlos André Bassoto e Guilherme Augusto Pranke, ambos alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa intitulada “Relação entre o uso de informações de softwares de gestão e o desempenho das empresas”, que servirá de base para o desenvolvimento do nosso trabalho de conclusão de curso, sob orientação do Prof. Dr. Jéferson de Souza Flores.

Essa pesquisa tem por objetivo estabelecer a relação entre o uso de informações disponíveis em softwares de gestão (ERP's) e o desempenho apresentado por Micro e Pequenas Empresas que fazem uso destes softwares, e é no âmbito desta temática que é proposto este questionário.

Os dados serão analisados quantitativamente, sem o interesse em identificar e/ou destacar resultados de forma particular, consistindo em análises gerais da amostra e eventuais estratos desta, sem nominar respondentes e empresas, sendo garantido sigilo absoluto de seus dados profissionais e/ou pessoais. É importante lembrar que não existem respostas corretas. Assim, aqui não visamos julgar ou analisar o trabalho desenvolvido na sua empresa, mas apenas obter informações relevantes, que comporão os dados da análise para esta pesquisa.

Desta forma, ao aceitar responder este questionário, você estará contribuindo com esta pesquisa e o desenvolvimento da ciência no Brasil. Entretanto, mesmo após o aceite, você poderá optar por não mais participar, conforme sua livre decisão, sem que sejam necessárias quaisquer explicações ou ônus decorrentes de sua decisão.

Durante o período da pesquisa ou depois dele, você poderá obter esclarecimentos sobre o andamento e seus resultados, os quais serão enviados aos participantes ao final desta. O contato poderá ser realizado pelo e-mail (carlosbassoto@yahoo.com.br) ou (prankega@gmail.com), diretamente com os pesquisadores, ou com o orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Jéferson de Souza Flores (jeferson.flores@gmail.com).

Agradeço imensamente a sua contribuição, permitindo que esta pesquisa seja factível.

Santa Maria, outubro de 2022.

Carlos André Bassoto - Acadêmico de Ciências Contábeis/UFSM

Guilherme Augusto Pranke - Acadêmico de Ciências Contábeis/UFSM

BLOCO I

Indique qual o seu nível de conhecimento sobre os relatórios utilizados pra gestão empresarial:

Sendo 1 – Discordo

2 – Discordo parcialmente

3 – Nem concordo, nem discordo

4 – Concordo parcialmente					
5 – Concordo					
AFIRMAÇÕES	1	2	3	4	5
1 – Eu sei o que é uma DRE.					
2 – Eu sei o que é um relatório ABC de produtos comprados.					
3 – Eu sei o que é um relatório ABC de produtos vendidos.					
4 – Eu sei o que é um Fluxo de Caixa.					
5 – Eu consigo verificar se a empresa apresenta lucratividade (lucro líquido sobre receita líquida).					
6 – Eu consigo verificar informações sobre recebimentos e pagamentos em determinado período.					
7 – Eu consigo verificar quais itens devo ter em estoque.					
8 – Eu consigo verificar quais itens são mais vendidos.					

BLOCO II

Indique a frequência com que foram utilizadas informações do software de gestão da empresa como base para a tomada de decisão relativa ao resultado da empresa:

Sendo 1 – Nunca utilizo

2 – Quase nunca utilizo

3 – Utilizo

4 – Quase sempre utilizo

5 – Sempre utilizo

AFIRMAÇÕES	1	2	3	4	5
9 – Eu utilizo informações da DRE para controle dos gastos fixos/variáveis da empresa.					
10 – Eu utilizo informações oriundas do relatório ABC de produtos comprados para controlar o estoque da empresa.					
11 – Eu utilizo informações oriundas do relatório de Fluxo de Caixa para controlar o fluxo financeiro da empresa.					
12 – Eu utilizo informações oriundas do relatório ABC de produtos vendidos para controlar os itens mais vendidos da empresa.					

BLOCO III

Indique a sua percepção sobre o desempenho da sua empresa:

Sendo 1 – Discordo

2 – Discordo parcialmente

3 – Nem concordo, nem discordo

4 – Concordo parcialmente

5 – Concordo

AFIRMAÇÕES	1	2	3	4	5
13 – A empresa encontra-se bem financeiramente.					
14 – Os lucros da empresa aumentaram nos últimos períodos.					
15 – Eu tenho clareza de qual produto representa o maior giro de estoque.					
16 – Eu sei qual produto deve ser foco das operações de vendas.					
17 – O total de entrada de recursos tem sido superior ao total de saída dentro do período.					
18 – O resultado operacional da empresa tem sido consistente.					
19 – Eu consigo tomar decisões assertivas referente à compra de insumos e/ou mercadorias.					
20 – Eu tenho clareza sobre a composição das vendas da empresa.					

BLOCO IV – DADOS DO RESPONDENTE

Qual ERP utilizam:
Tempo que utilizam o ERP:
Idade:
Formação acadêmica: <input type="checkbox"/> Gestão (Administração, Ciências Contábeis, Economia, etc.) <input type="checkbox"/> Engenharias <input type="checkbox"/> Tecnologia <input type="checkbox"/> Outros
Cargo: <input type="checkbox"/> Dono/Sócio <input type="checkbox"/> Coordenador/Diretor/Gerente <input type="checkbox"/> Colaborador <input type="checkbox"/> Outros